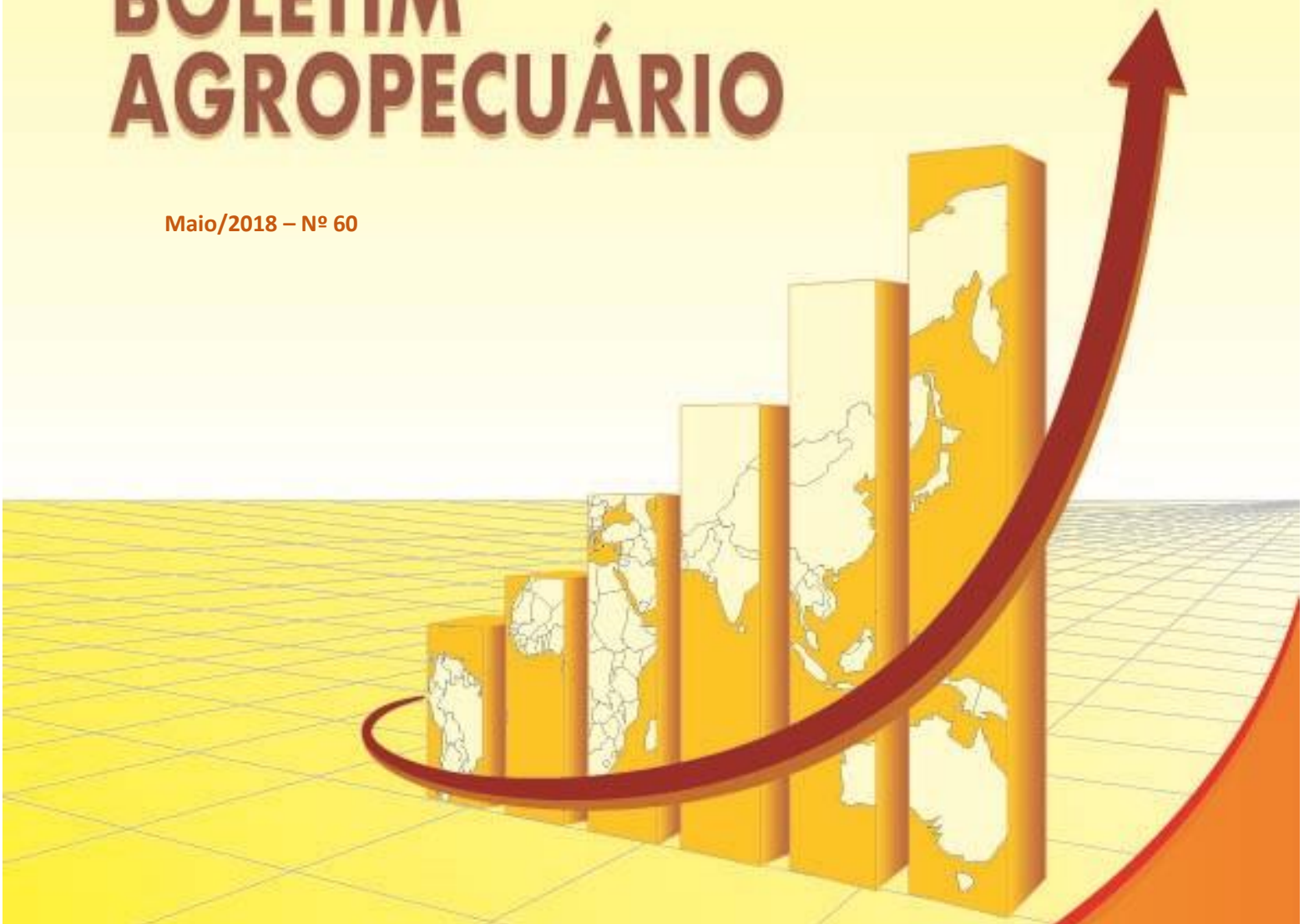
BOLETIM AGROPECUÁRIO

Maio/2018 – Nº 60



Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA
Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola

GOVERNO DE SANTA CATARINA
Secretaria da Agricultura e da Pesca

Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Airton Spies

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow

Boletim Agropecuário

Autores desta edição
Alexandre Luís Giehl
Bruna Porto
Felipe Jochims
Glaucia Padrão
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Haroldo Tavares Elias
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes

Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: http://cepa.epagri.sc.gov.br/
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração
Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Glaucia Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:
Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

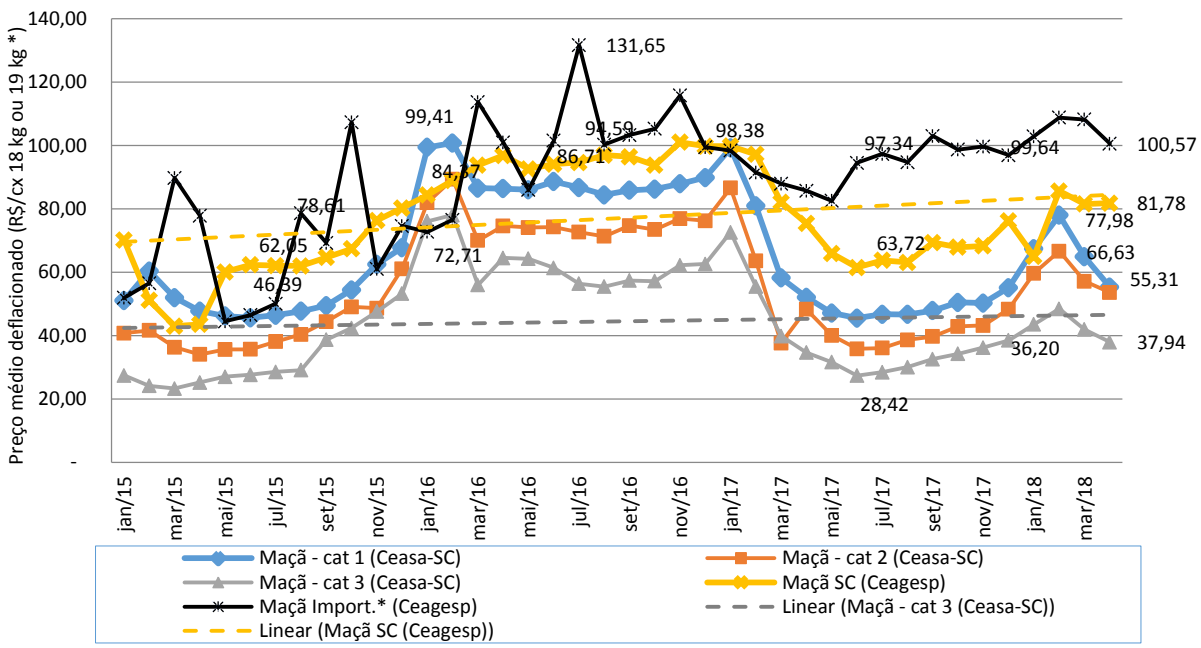
Sumário

Fruticultura 7
Maçã 7
Grãos 9
Arroz 9
Feijão 12
Milho 15
Milho para fins de silagem: análise da evolução da produção em Santa Catarina 20
Soja 24
Trigo 27
Hortaliças 30
Alho 30
Cebola 33
Pecuária 36
Avicultura 36
Bovinocultura 42
Suinocultura 46
Leite 52

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.
Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (abr./17=100)
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

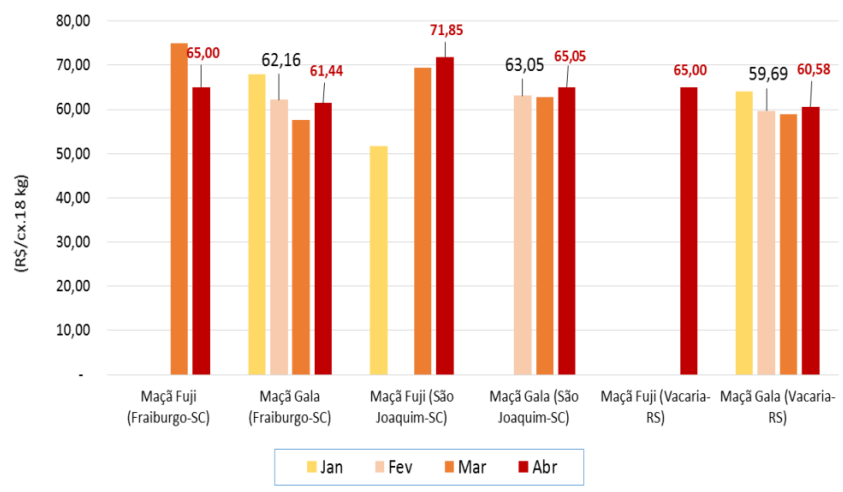
Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Entre fevereiro e março de 2018, com a colheita da maçã Fuji na safra 2017/18, os preços deflacionados da maçã nas centrais catarinense e paulistana revertem a tendência com desvalorização nas cotações de 16,8% para maçã cat.1 vendida no Ceasa/SC; e de 4,8% da maçã de origem catarinense negociada na Ceagesp.

Na Ceasa/SC, no comparativo entre março de 2018 e de 2017, os preços da maçã estão valorizados em 11% para a categoria 1 e 5% para a categoria 3, com a fruta classificada como cat.3 representando apenas 65% do valor médio da cat.1 no entreposto. No mês de abril é mantida a desvalorização nas cotações, sendo de 18% na maçã de categoria 1 no comparativo com janeiro de 2018 e 14,7% em relação ao mês de março de 2018.

Na Ceagesp, em abril de 2018, a maçã catarinense estava com pequena valorização nos preços de 0,3% em relação a março. Em comparação aos preços negociados em 2015 (ano safra referência) houve recuperação da cotação no atacado para o mês de abril, com valorização de 88% do preço da maçã catarinense comercializada na central paulistana. Entre janeiro e abril de 2018, a maçã importada está com os preços desvalorizados em 2% e de 7,1% entre março e abril de 2018.

A expectativa é de redução na oferta da fruta a partir de junho como reflexo do aumento das exportações de frutas miúdas de qualidade aceita no mercado e da comercialização de frutas de menor qualidade e resistência ao armazenamento nos mercados locais.



Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada
Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

Em Fraiburgo, com o aumento da colheita da maçã Fuji, em mais de 60%, e o encerramento da colheita de maçã Gala houve valorização na cotação da última. A expectativa é escoar as frutas de "rapa" da colheita de Gala para reduzir a oferta e valorizar os preços.

Em São Joaquim, as maçãs Gala e a Fuji seguem com valorização nas cotações de frutas de categoria 1 (graúdas). Com preços mais valorizados da maçã Fuji houve redução da demanda pela cultivar, em grande parte de frutas miúdas. Os pequenos produtores não cooperados estão com dificuldade de garantir valores que cubram os custos de produção devido a maior participação de maçãs cat. 3 miúdas nos volumes negociados com as classificadoras da região. A estratégia das empresas e cooperativas classificadoras é o de alternar a comercialização entre as duas variedades para induzir a valorização dos preços com redução relativa na oferta, além de armazenar maçãs de melhor qualidade e com maior pressão na polpa resistentes ao acondicionamento em câmaras de atmosfera controlada (AC).

Em Vacaria, houve recuperação no preço da maçã Gala graúda de categoria 1, mas o aumento da participação na oferta de frutas de menor calibre tendem a reduzir as cotações médias na região. A estratégia é escoar o máximo de frutas para que com o aumento no volume comercializado possa arrecadar o suficiente para o custeio da próxima safra, já que há dificuldades de financiamento futuros.

Maçã – Comparativo entre as estimativas da safra 2016/17 e 2017/18 – Santa Catarina

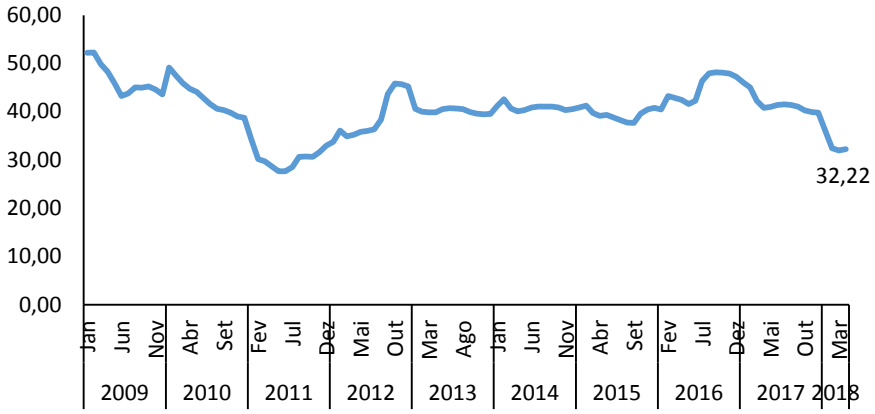
Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa final 2016/17 (Epagri/Cepa)			Estimativa inicial 2017/18 (Epagri/Cepa)			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha^{-1})	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha^{-1})	Área Colhida	Produção	Produtiv. média
Joaçaba	3.040	111.800	36.776	3.040	107.854	35.478	0,00	-3,53	-3,53
Canoinhas	150	3.965	26.433	140	3.646	26.046	-6,67	-8,04	-1,47
Curitibanos	995	32.113	32.274	995	33.288	33.455	0,00	3,66	3,66
Campos de Lages	11.970	482.131	40.278	11.972	468.739	39.153	0,02	-2,78	-2,79
Outras	4	30	7.500	4	30	7.500	0,00	0,00	0,00
Total	**16.159**	**630.039**	**38.990**	**16.151**	**613.557**	**37.989**	**-0,05**	**-2,62**	**-2,57**

Fonte: Epagri/Cepa (abr./2018).

Grãos

Arroz

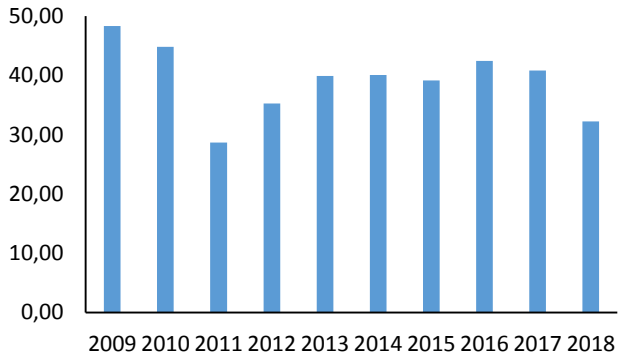
Glaucia Padrão
Economista, Drª. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

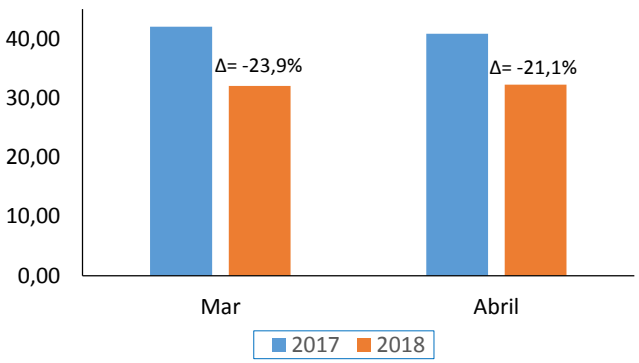
Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina (Jan./2009 a Abr./2018) – R$/sc 50kg

Em abril de 2018 os preços ao produtor apresentaram leve aumento em relação à março, fechando em R$32,22 na média estadual. Esse preço pode ser explicado pelo avanço da colheita nas principais regiões produtoras, que está revelando uma safra com produtividades boas. A baixa capacidade de armazenagem do produtor e grande parte da produção financiada leva à comercialização da maior parte do grão logo após sua colheita, resultando em alta oferta interna entre março e agosto, e preços baixos pela entrada de produto no mercado. No entanto, o comportamento esperado em maio, de leve aumento dos preços já começa a ser observado nas principais regiões produtoras. Na região Sul do Estado já se observa preços a R$ 35,00 a saca e no norte e Alto Vale a R$33,00, o que demonstra a recuperação dos preços nessa primeira quinzena de maio.



Fonte: Epagri/Cepa.

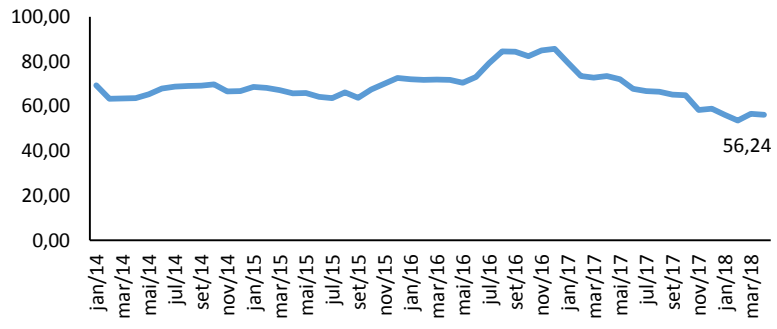
Arroz em casca – Comparativo de preços reais ao produtor em Santa Catarina de 2009 a 2018, no mês de abril – R$/sc 50 kg



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – Comparativo de preços reais ao produtor em Santa Catarina nos meses de abril e março de 2017 e 2018

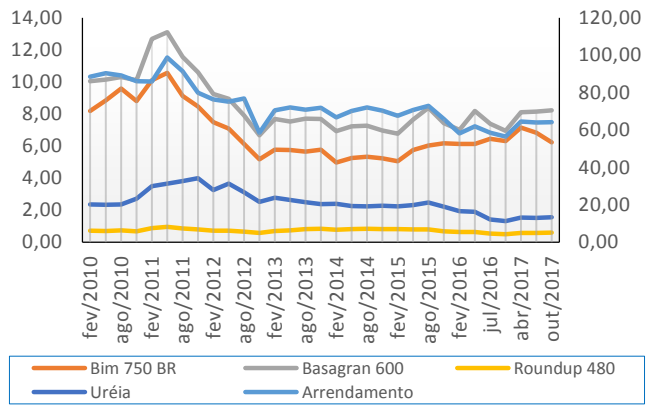
Comparando os preços observados em abril de 2018 com os preços no mesmo mês dos anos anteriores, observa-se que estes atingiram o menor patamar desde 2011. Em relação à abril 2017, os preços deste mês foram cerca de 21% menores, o que demonstra o mau momento vivido pelos produtores de arroz no estado, implicando em dificuldades para arcar com suas dívidas e ainda obter lucro.



Fonte: Epagri/Cepa.

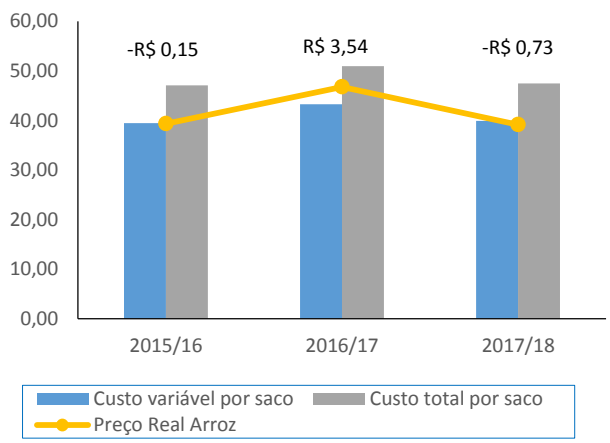
Arroz beneficiado – Evolução do preço médio real mensal no atacado – Santa Catarina (Jan./2014 a Abr./2018) – R$/fardo 30 kg

A exemplo do arroz em casca, o grão beneficiado tipo 1 também apresenta comportamento de queda desde 2016. Em abril de 2018 o preço médio para o fardo de 30 kg foi R$ 56,24 na média do estado, também apresentando leve valorização em relação ao mês anterior.



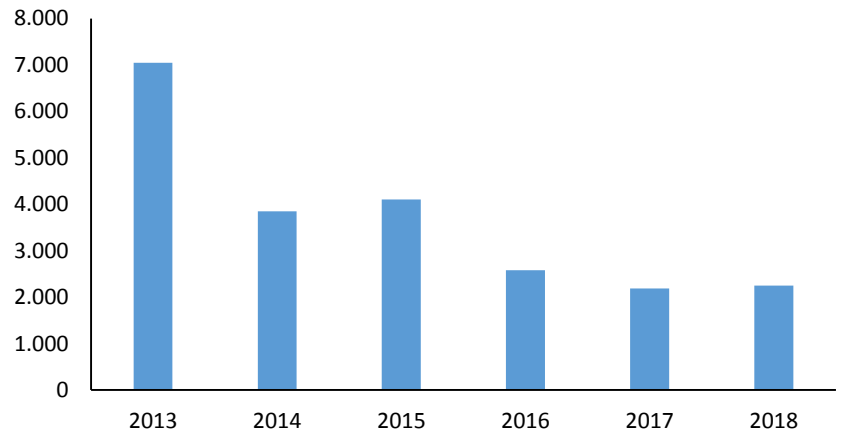
Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – Relação de troca entre o arroz em casca e os principais insumos de produção



Arroz em casca – comparativo preços reais ao produtor em Santa Catarina e custo de produção – 2015/16 a 2017/18

A relação de troca entre o grão e os principais insumos utilizados na produção tem se mostrado favorável ao produtor na safra 2017/18. Desde agosto de 2015 essa relação de troca apresentou comportamento decrescente, sendo necessárias menos sacas de arroz para aquisição de insumos de produção. No entanto, apesar da relação de troca favorável os custos de produção têm sido crescentes nas últimas safras. Observa-se pela figura que, na média, os preços tem coberto apenas parte dos custos (custos variáveis), ou nem isso, em algumas safras. A combinação de aumento dos preços dos insumos e redução dos preços médios recebidos pelos produtores, reduz a margem de lucro dos mesmos e tende a eliminar muitos produtores do mercado. Entre os grandes gargalos enfrentados pelo produtor, que é tomador de preço, ou seja, não consegue influenciar na formação de preços do mercado, está a alta carga tributária paga por ele, que em Santa Catarina representa cerca de 16% do custo total de produção, de acordo com estudo realizado pela Epagri/Cepa.



Nota: Dados de 2018 se referem ao acumulado de janeiro a março.
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Arroz e derivados – Evolução do valor das exportações – Santa Catarina (2013 a 2018) – (US$ FOB 1.000)

No que se refere ao mercado internacional, observa-se que de janeiro a março de 2018 o valor das exportações foi 2,86% superior a todo volume exportado em 2017. Entre os principais destinos estão a África do Sul, que de janeiro a março deste ano importou de Santa Catarina mais de 3 mil toneladas de arroz, entre parbolizado, não parbolizado e descascado.

Arroz Irrigado – Comparativo safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. Médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.730	398.119	7.696	0,00	-0,76	-0,76
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.376	67.345	8.040	-0,04	-7,70	-7,66
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	162.943	7.812	0,00	-2,75	-2,75
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	2.660	17.336	6.517	-14,05	0,00	16,35
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.261	73.128	7.896	0,00	-4,02	-4,02
Ituporanga	269	2.152	8.000	277	2.475	8.935	2,97	15,01	11,69
Joinville	20.036	167.916	8.381	20.036	164.871	8.229	0,00	-1,81	-1,81
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.702	95.695	8.942	-0,53	7,06	7,63
Tabuleiro	146	1.238	8.479	126	1.056	8.381	-13,70	-14,70	-1,16
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	159.613	7.567	0,00	-0,25	-0,25
Santa Catarina	**148.316**	**1.176.234**	**7.931**	**147.809**	**1.162.880**	**7.867**	**-0,34**	**-1,14**	**-0,80**

Fonte: Epagri/Cepa (Fevereiro/2018).

A análise comparativa da safra 2017/18 em relação à safra 2016/17 permite identificar redução de 1,14% na produção na corrente safra, como resultado da redução de 0,34% da área plantada e 0,8% na produtividade média no Estado. Se confirmada tal expectativa, a produção deverá ser de aproximadamente 1,16 milhões de toneladas, numa área de aproximadamente 148 mil hectares cultivados. A produtividade deverá ser de 7,8 toneladas por hectare, o que equivale a 157,3 sacas/ha. Embora essa produtividade média tenha variado pouco em relação à ultima safra, em algumas regiões, como Blumenau, Itajaí e Criciúma, é possível observar uma redução significativa, em função de problemas climáticos isolados, a exemplo da chuva de granizo ocorrida em Nova Veneza. No entanto, destaca-se que esta é considerada uma safra normal, sem grandes problemas observados.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Cultivo do Feijão 2ª safra tem redução significativa no Estado

Com cerca de 90% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra já colhidos, as regiões de Curitibanos, Lages e Joaçaba são as que ainda possuem área a ser colhida. A má distribuição de chuvas tem provocado situações em que a colheita tem que ser paralisada pelo excesso de chuvas, inclusive com ocorrência de brotação de grãos nas vagens. Em outras regiões a falta de chuvas tem atrapalhado a conclusão da colheita do feijão primeira safra e, naquelas regiões que possuem feijão segunda safra, com a microrregião de Chapecó, períodos curtos de estiagem tem prejudicado o desenvolvimento das lavouras.

Em Santa Catarina, o feijão 2ª safra é cultivado nas microrregiões de Rio do Sul e Ituporanga, onde a área cultivada já se encontra com cerca de 10% colhida; nas microrregiões de Chapecó, Concórdia e Xanxerê, 100% das lavouras encontram-se em fase de floração; e nas microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão, cerca de 15% das áreas estão em fase de floração. Em nível estadual, cerca de 30% da área cultivada com feijão 2ª safra encontra-se em floração e apenas 4% já foi colhido.

Nos outros estados da federação, segundo dados da Conab, o cultivo do feijão 2ª safra segue sem grandes problemas. Na Bahia a estimativa é de colher cerca de 10 mil hectares de feijão-carioca em manejo irrigado no sistema de pivô central em sucessão às lavouras de soja, essa produção tem como destino a Região Nordeste do Brasil. No Mato Grosso as áreas que foram semeadas até fevereiro, estão na maioria em estádio de frutificação e maturação. As condições das lavouras são consideradas boas mas o excesso de umidade pode atrapalhar a qualidade dos grãos. A colheita está prevista para ser iniciada a partir da segunda quinzena de maio, estendendo-se até junho.

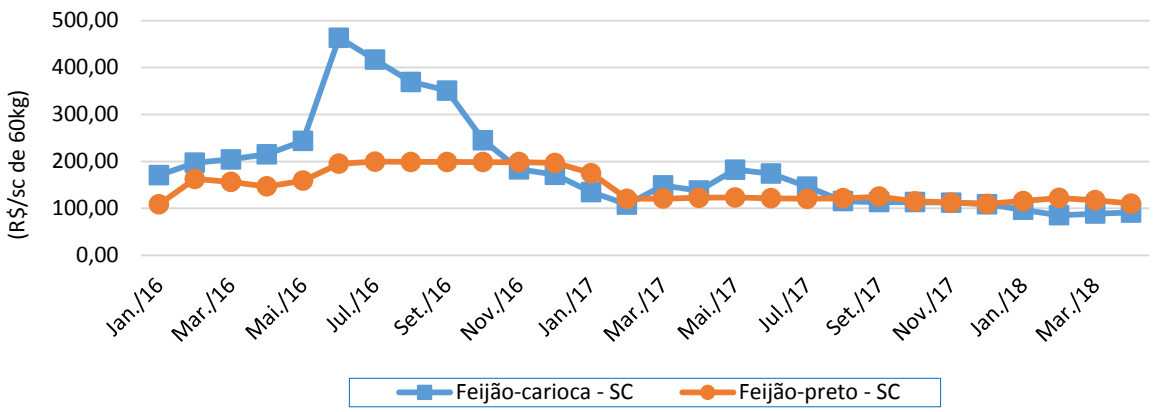
No Mato Grosso do Sul, o plantio de feijão-comum cores é concentrado na 2ª safra, por lá as lavouras estão na fase de desenvolvimento vegetativo e em floração, a falta de precipitações, aliada às altas temperaturas diurnas, têm causado preocupações para os produtores. Com o clima seco, a principal praga que ataca as lavouras no início do cultivo é o inseto conhecido como vaquinha, porém não tem causado danos significativos, pois a praga está sendo controlada.

Em São Paulo, a produção de feijão-comum cores 2ª safra se apresenta de forma reduzida, pois a moça-branca tem desestimulado os produtores a cultivarem no estado, principalmente onde houve o cultivo de feijão e soja na primeira safra. Já no estado do Paraná, a área destinada ao cultivo de feijão-comum cores 2ª safra deverá sofrer redução de 22,5% em relação à safra anterior, que fechou em 160,4 mil hectares. Ainda que alguns municípios tenham aumentado a área devido à perda da janela de plantio de milho segunda safra, no geral, os produtores se guiaram pelos baixos preços praticados no mercado, resultando em diminuição de área.

Quanto ao feijão-preto de 2ª safra, segundo dados da Conab, a área plantada no estado do Paraná sofrerá redução de 14,6% em relação à safra de 2016/17, influenciado pelos baixos preços praticados no mercado. Até a data do levantamento, a colheita avançava por pouco mais de 8% da área. No Rio Grande do Sul, as lavouras de feijão-comum preto segunda safra vêm se desenvolvendo bem, com a colaboração do clima. No campo há lavouras em diferentes estágios de desenvolvimento, desde enchimento de grãos e maturação, até colheita.

De janeiro de 2016 a abril de 2018 o preço real do feijão-preto se manteve relativamente constante. Contudo foram observados picos de elevação de preço que em parte podem ser atribuídos a problemas climáticos e de ocorrência de pragas nas diferentes regiões produtora do País, aspectos que interferem nos

preços praticados no estado. Se compararmos abril de 2018, com abril de 2017, a variação nos preços do feijão-carioca foi da ordem de -34%. Já para o feijão-preto essa variação foi de -10%. Em resumo, os preços para o feijão 2ª safra, até o momento, estão piores do que há um ano.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor de feijão-carioca (Joaçaba/SC) e feijão preto (Canoinhas/SC) – janeiro/2016 a abril/2018. (preços corrigidos pelo IGP-DI)

Na praça de Joaçaba, referência para tomada de preços para o feijão-carioca no Estado, em termos nominais o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R$88,75 no mês de março para R$ 91,00 no mês de abril, um aumento de 2,54%. Nas demais praças levantadas a variação no mês foi positiva. Nos estados pesquisados, a maior variação positiva ocorreu em Minas Gerais, alta de 13,55%. Merece destaque que, na comparação com os preços praticados há um ano, a variação dos preços do feijão-carioca girou em torno de -30% para todos os estados onde pesquisamos preços. Já para o feijão-preto essa variação foi menor, em Santa Catarina foi de -8,3% e no Rio Grande do Sul, variação de -23%.

Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor - safra 2017/18 (R$/60kg)

Estado	Tipo	Mar./18	Abr./18	Variação (%)	Abr./17	Variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	88,75	91,00	2,54	135,00	-32,59
Paraná		82,05	90,22	9,96	128,10	-29,57
São Paulo		101,47	111,6	9,98	154,41	-27,72
Minas Gerais		94,69	107,52	13,55	151,21	-28,89
Goiás		88,25	93,34	5,77	131,68	-29,12
Santa Catarina	Feijão Preto	117,41	110,00	-6,31	120,00	-8,33
Paraná		108,29	103,94	-4,02	124,60	-16,58
Rio Grande do Sul		129,11	129,10	-0,01	167,46	-22,91

Nota: Feijão-preto, referência Canoinhas/SC. Feijão-carioca, referência SC Joaçaba/SC - Abril/2018.
Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que registra os preços praticados no mercado atacadista para o principal mercado brasileiro de feijão, no dia 10 de maio a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,0 foi comercializado a R$137,50, variação positiva de 5,77% em relação ao mesmo período do mês anterior, o nota 8,5 foi cotado a R$121,50, alta de 1,25%. O comportamento de mercado para o feijão-carioca segue calmo, já para o feijão-preto o mercado se manteve nominal, com variação positiva no período de 15,09% para o feijão-preto extra e 14,29% para o feijão-preto especial. O comportamento de mercado teve como data de análise 10/05/2018.

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo				
Produto[1]	10/05/2018	10/04/2018	Variação (%)	Mercado[2]
Feijão Carioca Extra (9,0)	137,50	130,00	5,77	Calmo
Feijão Carioca Especial (8,5)	121,50	120,00	1,25	Calmo
Feijão Carioca Comercial (8,0)	102,50	102,50	0,00	Calmo
Feijão Preto Extra	152,50	132,50	15,09	Nominal
Feijão Preto Especial	140,00	122,50	14,29	Nominal

[1] feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.
[2] comportamento do mercado em 10/05/2018.
Nota 1: Calmo: quando os preços se mantém ou sofre pequenas oscilações.
Nota 2: Nominal: preços sem variação por falta ou excesso do produto.
Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Neste mês de maio estamos atualizando nossas estimativas para o feijão 2ª safra 2017/18. Com a colheita iniciando na região de Chapecó, até o momento estimamos que serão cultivados cerca de 19,65 mil hectares de feijão 2ª safra, redução de 22% em relação a área cultivada na safra passada. Com isso, teremos uma diminuição na produção de aproximadamente 30%, passando de 41,62 mil toneladas para esperados 29,13 mil toneladas da leguminosa. Essa queda abrupta entre a estimativa inicial e a atual se deve em parte ao crescimento da área plantada com soja na Região Sul, que já passa dos 2,0 mil hectares. Nossos agentes de mercado estão à campo analisando essa tendência para que possamos aferir com maior exatidão esse deslocamento de área plantada da cultura do feijão 2ª safra para a soja e/ou milho 2ª safra.

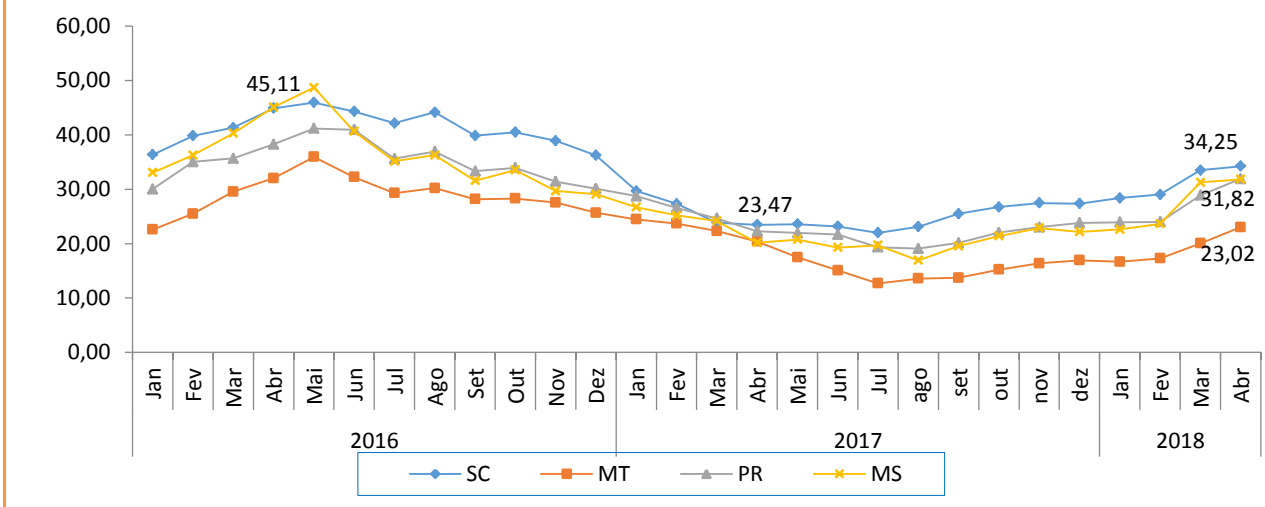
Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2016/17 e 2017/18									
Microrregião	Safra 2016/2017			Estimativa inicial - Safra 2017/2018			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	717	722	1007	610	562	922	-15	-22	-8
Canoinhas	3700	6030	1630	2910	3699	1271	-21	-39	-22
Chapecó	2248	3582	1593	2340	3661	1564	4	2	-2
Concórdia	64	98	1523	95	162	1705	48	66	12
Criciúma	3377	3813	1129	2581	3048	1181	-24	-20	5
Ituporanga	1465	2638	1801	1500	1983	1322	2	-25	-27
Rio do Sul	629	1109	1763	623	800	1284	-1	-28	-27
São Bento do Sul	220	238	1080	160	150	940	-27	-37	-13
São M. do Oeste	2165	3588	1657	1815	3144	1732	-16	-12	5
Tubarão	1490	1599	1073	1289	1323	1026	-13	-17	-4
Xanxerê	9220	18207	1975	5725	10600	1852	-38	-42	-6
Santa Catarina	**25295**	**41624**	**1646**	**19648**	**29132**	**1483**	**-22**	**-30**	**-10**

Fonte: Epagri/Cepa (abril/2018).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Pelo terceiro mês consecutivo os preços do milho apresentam reação significativa nos principais estados produtores. No Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina as cotações em abril registraram R$23,02/sc, R$31,92/sc e R$34,25/sc, respectivamente. Em relação ao mês anterior, em média o preço apresentou alta de 9,03% nestes estados. Em comparação com março de 2017, o aumento foi de 40,7%, demonstrando um comportamento diferenciado entre os últimos três anos de análise, como pode ser visualizado no gráfico abaixo. Em Santa Catarina, os valores praticados neste mês de abril são os mais elevados desde janeiro de 2017. Entretanto, apresentaram forte oscilação no período analisado, sendo um dos motivos pelo qual os produtores ficam inseguros no cultivo do cereal.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2016 a maio/2018 – Corrigido pelo IGPD-I

Safra 2017/18 – milho grão

A área de plantio de milho da primeira safra 2017/18 apresentou um recuo de 14,3% no Estado, em relação a anterior, bem como redução na produtividade em torno de 6,3%. Porém, algumas regiões tem surpreendido com os bons níveis de rendimento com a finalização da colheita, principalmente o Norte do Estado. Os números atualizados em março indicam uma melhora na produção total de Santa Catarina, ante uma previsão inicial que indicava redução superior a 20%, mas que agora registra 19,7%.

Milho 1ª Safra - Estimativa 2017/18 e comparativo da safra 2016/17

Microrregião	2016/2017			2017/2018 (mar./18)			Est. atual/safra ant. (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.209	28.766	3.990	7.734	52.686	6.812	7,28	83,16	70,72(1)
Blumenau	1.567	5.967	3.808	1.567	5.967	3.808	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	36.010	264.126	7.335	33.080	248.812	7.522	-8,14	-5,80	2,55
Canoinhas	32.100	304.670	9.491	28.800	277.180	9.624	-10,28	-9,02	1,40
Chapecó	59.025	521.942	8.843	49.018	430.169	8.776	-16,95	-17,58	-0,76
Concórdia	23.930	201.858	8.435	22.550	168.345	7.465	-5,77	-16,60	-11,50
Criciúma	7.154	42.318	5.915	6.670	45.805	6.867	-6,77	8,24	16,10
Curitibanos	21.608	239.546	11.086	17.360	157.872	9.094	-19,66	-34,10	-17,97
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	53	196	3.698	53	196	3.698	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	11.120	78.125	7.026	9.072	62.442	6.883	-18,42	-20,07	-2,03
Joaçaba	59.684	630.233	10.560	49.130	407.583	8.296	-17,68	-35,33	-21,44
Joinville	340	1.160	3.412	340	1.160	3.412	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	20.930	129.932	6.208	18.525	125.648	6.783	-11,49	-3,30	9,26
São Bento do Sul	5.000	35.200	7.040	4.400	35.616	8.095	-12,00	1,18	14,98
São Miguel do Oeste	39.500	330.930	8.378	32.685	260.872	7.981	-17,25	-21,17	-4,73
Tabuleiro	3.457	11.801	3.414	3.457	11.801	3.414	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.705	6.764	3.967	1.705	6.764	3.967	0,00	0,00	0,00
Tubarão	4.696	22.990	4.896	5.185	31.868	6.146	10,41	38,62	25,55
Xanxerê	27.280	288.392	10.572	19.280	194.068	10.066	-29,33	-32,71	-4,78
Santa Catarina	362.987	3.147.214	8.670	311.230	2.527.153	8.120	-14,26	-19,70	-6,35

(1)Rendimento foi reajustado na safra.
Fonte: Epagri/Cepa.

Panorama regional

Região Oeste - Nas regiões de Chapecó, Xanxerê e Concórdia praticamente 100% da área está colhida, restando alguns remanescentes não significativos, em pequenas áreas,. A produção confirma as estimativas previstas, entre 7.500kg/ha e 10.200kg/ha, apresentando redução em relação à safra anterior, porém com bons volumes. São Miguel do Oeste e Chapecó concentram o plantio de milho 2ª Safra, com previsão de cultivo de 12.000ha. A estiagem registrada em abril deverá ter reflexos no rendimento das lavouras. Possivelmente, grande parte do milho segunda safra na região será destinada para silagem.

Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos e Caçador - Colheita avançando rapidamente para a finalização. Safra bem distinta no que diz respeito ao rendimento. Lavouras do cedo, semeadas em setembro/2017, apresentaram menor rendimento em decorrência da seca de dezembro e chuvas intensas em janeiro. Lavouras do tarde (semeadas em outubro) produziram bem melhor. Os rendimentos médios estão em 9.600kg/ha, inferiores a safra anterior, porém um pouco acima do previsto nos últimos relatórios. Preços ao produtor considerados bons.

Campos de Lages – Trabalhos de colheita paralisados devido as pancadas de chuva mais intensas na semana. Continua a estimativa de 15 - 20% de quebra em função de fatores climáticos, principalmente estiagem, em alguns períodos.

Região Norte - Colheita concluída em 98% das áreas, com rendimento médio confirmando as estimativas anteriores (9.624kg/ha contra 9.286kg/ha previstos inicialmente (3,6% maior) e ligeiramente 1,41% superior que a safra anterior. Apesar do período de estiagem no mês de setembro/17, s chuvas abundantes em dezembro/17 e volumes razoáveis no mês de janeiro/18 (período de floração/granação) contribuíram para mais um ano de boa produtividade.

Alto Vale o Itajaí - 100% das lavouras estão colhidas nesta região. O rendimento médio foi de 6.500 a 7.500kg/ha.

Sul do Estado - as condições climáticas favoráveis (calor e umidade) estão permitindo o bom desenvolvimento das lavouras da segunda safra (2017/18).

Milho segunda safra

A estimativa inicial é semelhante à área cultivada na safra anterior, ou seja, 16.000ha. Há possibilidades de este número ser reajustado no próximo boletim em função da estiagem registrada no Oeste.

Milho 2ª Safra - Estimativa safra 2018 e comparativo safra anterior 2017

Microrregião	Safra 2017			Estimativa inicial - 2018			Variação 2017/2018		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)
Araranguá	880	4.418	5.021	910	5.389	5.922	3,4	22,0	17,9
Chapecó	5.904	33.233	5.629	5.904	42.175	7.143	0,0	26,9	26,9
Concórdia	700	3.180	4.543	700	4.900	7.000	0,0	54,1	54,1
Criciúma	1.066	5.881	5.517	864	4.728	5.472	-18,9	-19,6	-0,8
Tubarão	894	4.975	5.564	904	5.053	5.590	1,1	1,6	0,5
Xanxerê	720	4.482	6.225	720	5.150	7.153	0,0	14,9	14,9
Santa Catarina	**16.074**	**85.639**	**5.328**	**16.022**	**101.380**	**6.328**	**-0,3**	**18,4**	**18,8**

Fonte: Epagri/Cepa.

Panorama estadual

Na primeira semana de maio, 93,5% do milho grão já estava colhido no Estado, em especial no Oeste e Extremo Oeste, onde a colheita está finalizada. O prognóstico realizado pela Epagri/Cepa em setembro/2017, apontava que a produção da safra atual seria 20,4% inferior à safra passada. Porém, neste levantamento os números melhoraram, indicando redução de 19,7% frente ao período anterior, que foi uma safra excelente de acordo com o acompanhamento sistemático das últimas cinco safras. Há que se ressaltar este aspecto, pois, considerando a média de rendimento das últimas 3 safras, que foi de 7.880Kg/ha[1], a atual safra pode ser considerada normal, com perspectivas de fechar com rendimento superior a 8.000Kg/ha.

[1] Informações do Sistema de Acompanhamento de Safras, Epagri/Cepa, 2015-2018.

Safra nacional

O fator climático é a principal expectativa para segunda safra no Brasil

A previsão da segunda maior colheita de grãos do Brasil, com uma produção de 232,6 milhões de toneladas, está mantida no 8º Levantamento da Safra de Grãos 2017/2018, divulgado nesta quinta-feira (10 de maio) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)[2]. A soja e o milho contribuem com os maiores valores para o total produzido;

- milho primeira safra: a produção ultrapassa 26 milhões de toneladas;

- milho segunda safra: com a proximidade do início da colheita, com parte das lavouras em maturação, a estimativa, conforme a CONAB, permanece em aproximadamente 63 milhões de toneladas. No entanto, algumas regiões produtoras, em especial no Paraná, foram afetadas pela estiagem do mês de abril, apontando alguma redução no rendimento em tono de 10 a 15%. Mesmo que se confirme a redução da produção da segunda safra para 85 milhões, de um total previsto de 89 milhões de toneladas, ainda assim trata-se de volume considerável, suficiente para o abastecimento interno;

Portanto, as atenções ficam por conta do comportamento climático de maio/junho para o milho segunda safra nas regiões do Centro Oeste e Paraná;

- exportações de Milho: sequência de quatro meses com forte retração nos volumes de exportação do cereal pelo Brasil. Foram registrados 3 milhões, 1,25 milhões e 605 mil e 115.685 toneladas em janeiro, fevereiro, março e abril respectivamente (MDIC, Sistema Alice Web, 2018). A redução nas exportações são importante visando manter o nível de estoque interno do cereal;

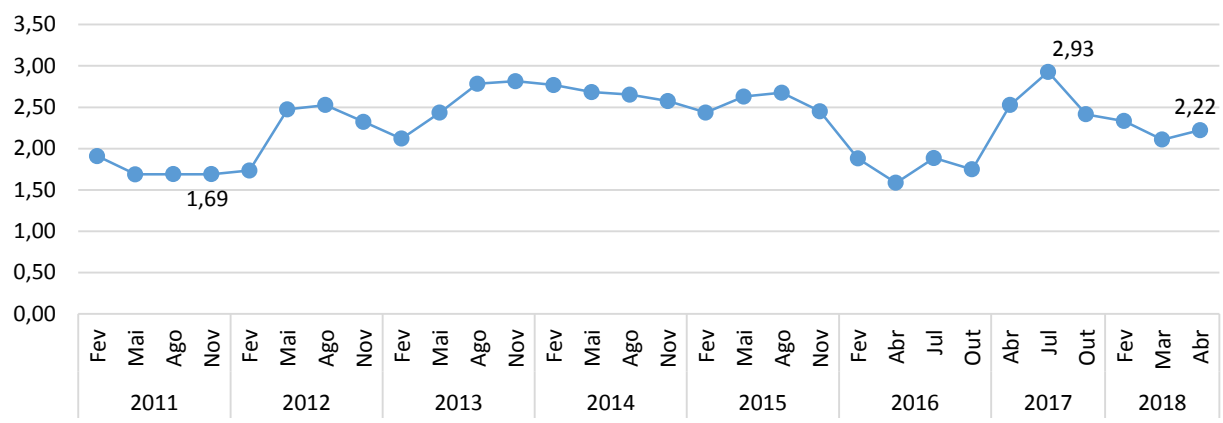
- os produtores devem ficar atentos com a possibilidade de venda do produto, pois a valorização do cereal nos últimos meses apresenta uma oportunidade de manter uma margem remuneradora para a produção;

- as cotações seguem fortalecidas na BMF diante da dificuldade de aquisição do cereal no mercado físico e, também, devido às incertezas ligadas à oferta da segunda safra no Centro Oeste e Paraná.

Relação milho/soja

Principal concorrente por área de cultivo na safra de verão, a soja vem apresentando crescimento constante na área cultivada no Estado. Com um ponto de corte da relação soja/milho de 2,3, a cultura da soja sai favorecida na relação de preço com o milho em muitas ocasiões, ou seja, quando o preço da soja ultrapassa a 2,3 vezes o do milho. No entanto, nos últimos dois meses, com os preços do milho em elevação, o cereal toma força na comparação quanto a competitividade. Obviamente que este é um critério geral, existindo particularidades para cada região de plantio. No entanto, é um sinal que o milho pode estar competitivo para próxima safra, pois a primeira safra no Sul do Brasil vem diminuindo sistematicamente nos últimos anos, podendo ocasionar problemas de abastecimento, associado ao volume de exportações no final de cada ano.

[2] Acomp. safra bras. grãos, v. 8 Safra 2017/18 - Oitavo levantamento, Brasília, p. 1-145 maio 2018.



Fonte: Epagri/Cepa.

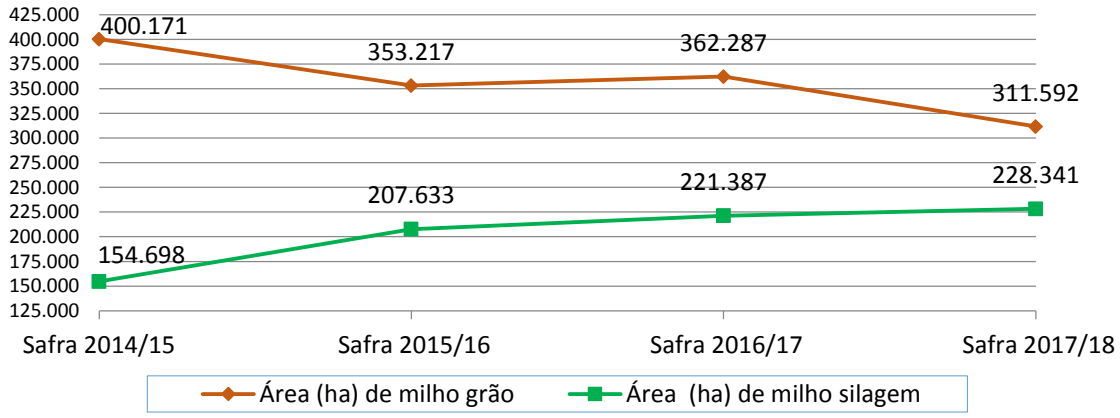
Milho/Soja – Evolução da relação milho/soja. 2011/2018 (relativo preços R$/saca, praça Chapecó)

Milho para fins de silagem: análise da evolução da produção em Santa Catarina

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br
Bruna Porto
Engenheira-agrônoma - Epagri/Cepa
brunaporto@epagri.sc.gov.br
Felipe Jochims
Zootecnista, DSc - Epagri/Cepaf
felipejochims@epagri.sc.gov.br

Dentre as culturas agrícolas produzidas em Santa Catarina, especial destaque se dá para a produção do milho. O grão é fundamental para o agronegócio catarinense, pois fomenta, principalmente, a avicultura e a suinocultura e, com menor importância, a produção leiteira. No entanto, o milho vem perdendo espaço para a soja nas propriedades rurais, especialmente quando o objetivo é a comercialização do grão. Na safra 2014/15 a área cultivada no Estado foi de 400.171ha, enquanto na safra 2017/18 foi registrado o cultivo de 311.592ha, apresentando uma redução expressiva no período (Síntese Anual da Agricultura, 2016-17 – Epagri/Cepa). Em relação à safrinha, a área tem sido em torno de 16.000ha, cuja produção é majoritariamente mantida na propriedade para auxiliar na alimentação dos animais.

A diminuição do volume produzido do grão afeta diretamente as cadeias produtivas de aves e suínos), pois a ração dos animais utiliza o milho como um dos principais componentes. Por outro lado, o milho cultivado para fins de produção de silagem vem apresentando um forte crescimento. Na safra 2014/15 foram cultivados 154.698ha, enquanto na 2016/17 foram 228.341ha (Figura 1).

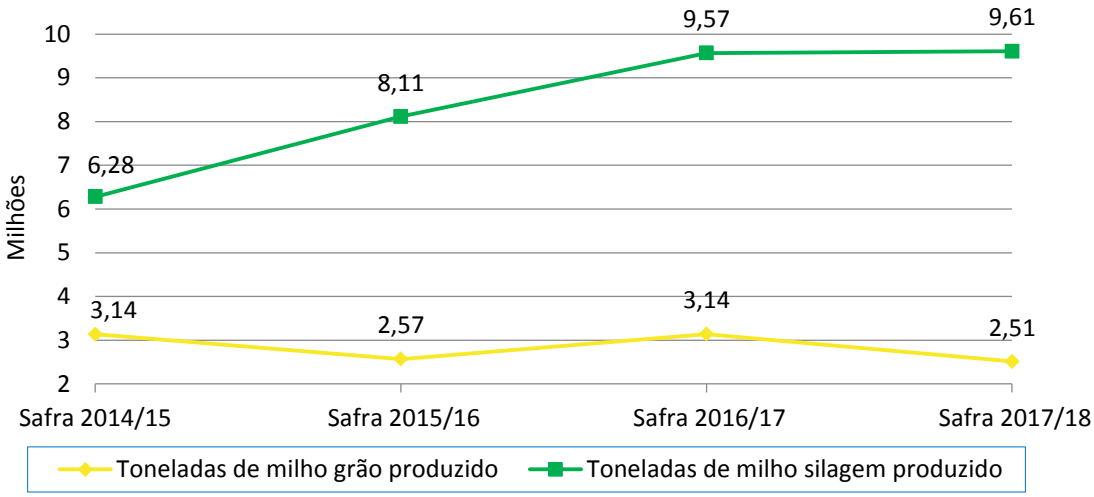


Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 1 - Evolução das áreas cultivadas com milho grão e com milho para a produção de silagem em Santa Catarina - Safras 2014/15 a 2017/18

Em contraste ao milho grão, o cultivo de milho com o objetivo de produzir silagem, que auxilia na alimentação dos animais ruminantes, principalmente da cadeia leiteira, tem alcançado ao longo dos últimos anos áreas de cultivo cada vez maiores, com crescimento constante ao longo dos últimos anos, seja em relação à área de plantio ou na produção por unidade de área (Figuras 1 e 2; Boletim Agropecuário

n. 53).



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 2 - Evolução da produção das áreas de cultivo com milho grão e milho silagem em Santa Catarina - Safras 2014/15 a 2017/18

A área de plantio com milho destinado a confecção de silagem (Figura 1) apresentou variação positiva entre as safras 2014/15 e 2017/18 de 47,6%. Ao contrário, a área destinada ao cultivo de milho para produção de grãos diminuiu 22,1% da safra 2014/15 para a safra 2017/18. Ainda assim, a área plantada no Estado para milho grão é superior à área destinada à produção de silagem, principalmente pela maior concentração da cadeia leiteira na região Oeste de Santa Catarina. Na safra 2017/18 a área total estimada para plantio de milho para silagem foi de 228.341 hectares, apresentando uma taxa média anual de crescimento de 2015 a 2018 de 13,86%. A taxa para área de plantio com milho para grãos foi negativa em 8%.

Outro dado importante é a dinâmica da evolução da produção nas áreas de milho para grão e para silagem (Figura 2). Primeiramente, cabe ressaltar que esses dados de produção não podem ser comparados entre si, e; sim, servem para demonstrar a dinâmica da produção de cada um dos tipos de cultivos do milho, mesmo que os mesmos cultivares de milho sejam utilizados para ambos os fins. A comparação não pode ser feita, pois um dos dados representar o peso de grãos produzidos e o outro ser referente a planta inteira, que é ensilada.

A produção de milho para grão tende a se manter estável, apesar de uma pequena redução na área plantada, uma vez que o rendimento vem aumentando nos últimos anos, o que compensa, de certa forma, a redução da área. Ao contrário, com a grande importância econômica produção leiteira na região Oeste do Estado, a produção de silagem tem ganhado importância para alimentação dos animais, aumentando a área plantada (Figura 1). Além disso, faz com que os produtores adotem novas tecnologias, aumentando a produtividade de silagem por área e, consequentemente, a produção das lavouras.

As microrregiões de Chapecó (38 municípios), com 28,3% da área; de Concórdia (15 municípios), com 8,80%; de São Miguel do Oeste (21 municípios), com área de 22,73%, Xanxerê com 8,24% e Joaçaba com 7,3% da área, microrregiões que compõem a Mesorregião Oeste, representam 75% do total da área cultivada com milho para produção de silagem no Estado (Quadro 1). Essa concentração das áreas destinadas ao plantio de milho que será ensilado na região é facilmente explicada pela concentração da

cadeia produtiva do leite e, mais recentemente, pelo aumento na produção de gado de corte na região Oeste de SC. Em 2016, a produção de leite em Santa Catarina foi de 3,133 bilhões de litros, sendo 76% produzidos na Mesorregião Oeste (Fonte: Epagri/CEPA: Boletim Agropecuário nº 53), que também produziu 48,1% dos animais para abate do Estado, utilizando, majoritariamente, sistemas de produção com base em alimentos de custo baixo - pastagens e silagens.

MERCADO DE MILHO SILAGEM

O mercado de milho silagem ainda é incipiente. Existe registro de negócios entre produtores que necessitam de maior provimento de alimentação e complementação alimentar, em especial para bovinocultura de leite e que, geralmente, tem restrição de áreas para plantio. O produtor (pecuarista) compra a lavoura no período que antecede ao ponto de silagem de vizinhos que são produtores de milho e que tem alguma área adicional. O valor pago por hectare da lavoura de milho normalmente corresponde a estimativa da produção de grãos da lavoura em questão e pode oscilar entre 110 a 150 sacas de milho grão por hectare. O produtor/comprador é quem realiza a colheita e serviço de preparação e transporte da silagem para sua propriedade (Informação pessoal).

No Sul do Estado, como em Criciúma e Braço do Norte, existe informações que o valor médio pago ao produtor de milho para silagem em 2018 foi de R$ 90,00/ton. Quanto ao preço de venda de silagem, este depende muito do mercado, quantidade negociada, local de entrega e variáveis climáticas. Considerando essas variáveis, os preços por saco de 25kg giram entre R$ 9,00 e R$ 12,00, sendo esses valores muito superiores quando comparados com quantidades elevadas adquiridas.

Apesar destes registros de comercialização de silagem, esse mercado não é representativo. A grande maioria dos produtores tem a capacidade (e produzem) a silagem a ser utilizada pelos animais na própria propriedade. Ainda assim, a existência desse mercado reflete a demanda por milho silagem em algumas áreas do Estado.

REFERÊNCIAS:

Epagri. Números da agropecuária catarinense - 2017. Florianópolis, SC, 2018. 75p. (Epagri. Documentos, 277). 75 p.

Epagri/CEPA: Boletim Agropecuário nº 53 – 16 de outubro de 2017. p. 59. Consulta: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/Boletim_agropecuario/boletim_agropecuario_n53.pdf

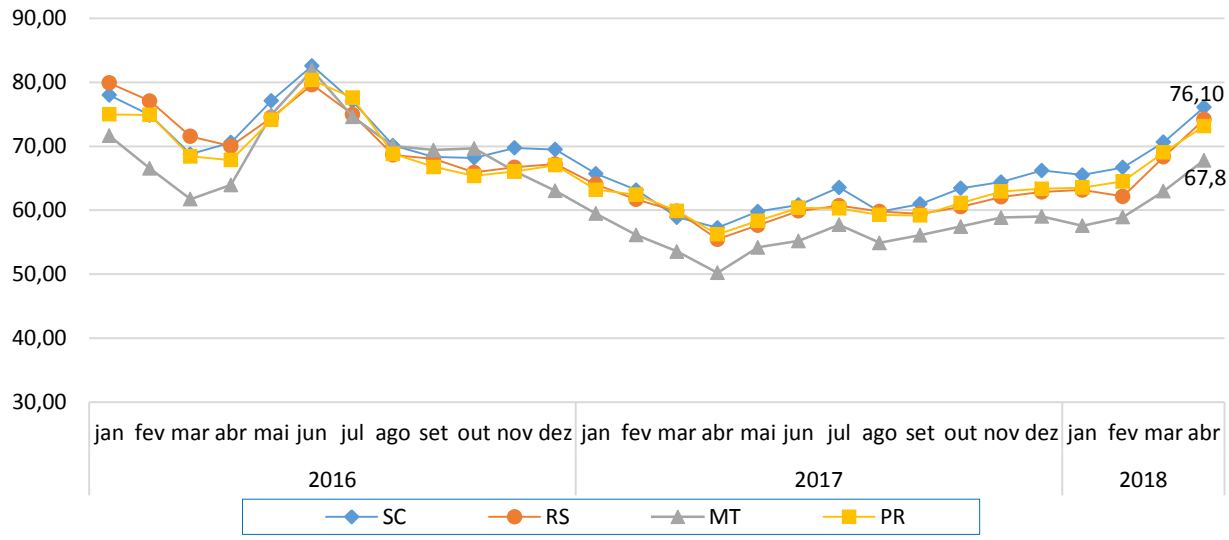
Quadro 1. Milho silagem – área, produção e rendimento, safras 2014/15 á 2017/18.

Microrregião	Safra 2014/15		Safra 2015/16		Safra 2016/17		Safra 2017/18	
	Área plantada (ha) Milho grão	Área plantada (ha) Milho silagem	Área plantada (ha) Milho grão	Área plantada (ha) Milho silagem	Área plantada (ha) Milho grão	Área plantada (ha) Milho silagem	Área plantada (ha) Milho grão	Área plantada (ha) Milho silagem
Araranguá	3749	5179	7123	4560	7209	4847	7734	4872
Blumenau	1838	0	1773	1797	1567	1824	1567	1824
Campos de Lages	35500	5375	35500	5320	36010	5530	31400	5980
Canoinhas	37200	0	29500	3750	31400	3850	28800	5030
Chapecó	62415	52410	54350	58800	59025	57700	50015	59390
Concórdia	33750	15580	30440	18280	23930	26630	22650	24550
Criciúma	5788	3196	6830	2502	7154	3808	6670	4324
Curitibanos	27258	0	22446	2550	21608	2550	17360	2550
Florianópolis	619	179	619	326	619	331	619	331
Itajaí	54	0	54	60	53	61	53	61
Ituporanga	11390	0	10080	2580	11120	2350	8987	2530
Joaçaba	62877	0	55552	15100	59684	15520	49130	15520
Joinville	485	1667	485	0	340	0	340	0
Rio do Sul	22870	0	19450	14830	20930	14680	18525	14780
São Bento do Sul	6000	0	5500	0	5000	610	4400	750
São Miguel do Oeste	45100	43290	40150	47190	39500	47905	32685	51900
Tabuleiro	3655	1170	3505	1320	3457	1339	3457	1339
Tijucas	1630	2290	1690	2470	1705	2506	1705	2506
Tubarão	5043	9607	5390	9078	4696	12626	5185	12624
Xanxerê	32950	14755	22780	17120	27280	16720	20310	17480
Total do Estado	**400171**	**154698**	**353217**	**207633**	**362287**	**221387**	**311592**	**228341**

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Em março, a soja apresentou uma forte elevação nos preços pagos aos produtores nas principais praças dos estados produtores, registrando R$ 67,80, R$ 73,14 e R$ 74,19 (saca de 60kg)no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de fevereiro, os preços tiveram reajuste médio de 7,38% nestes estados. No comparativo com o mês de abril de 2017, a variação média dos preços nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de 33,8%. Em Santa Catarina os preços apresentaram comportamento semelhante, com alta de 7,7% entre março e abril de 2018, com a saca cotada a R$ 70,65 e R$ 76,10, respectivamente. Com isto, os preços praticados são os maiores desde julho de 2016.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

Soja – Preço médio mensal da soja em grão ao produtor - MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a março 2018

A produção de soja em Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas, em 658 mil hectares cultivados. Para a safra 2017/18 está se confirmando uma expansão na área cultivada com a leguminosa, com incremento de 6,8% em relação à safra 2016/17. Assim, deverá alcançar com o ajuste do relatório atual (abril) 703 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas, conforme tabela abaixo. No entanto, em termos de rendimento é estimada redução de 5,05% relativa à safra anterior. Mesmo assim, a produção total do Estado deverá ser superior a safra anterior em 1,4%. Este aumento na área cultivada decorre da redução da área plantada com milho, da área de pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas, ao longo dos anos.

Soja – Estimativa atual de área, rendimento e produção da safra 2017/18 e comparativo safra 2017/18									
Microrregião	2016/17			2017/18 - abr./2018			Est. atual/Safra anterior (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	59.770	199.292	3.334	61.330	216.610	3.532	2,61	8,69	5,93
Canoinhas	131.600	501.870	3.814	140.300	487.100	3.472	6,61	-2,94	-8,96
Chapecó	88.512	292.035	3.299	94.021	303.458	3.228	6,22	3,91	-2,18
Concórdia	5.617	20.309	3.616	5.330	19.855	3.725	-5,10	-2,24	3,02
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	388.628	3.439	4,95	-13,44	-17,52
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	8.240	34.140	4.143	7,15	13,14	5,59
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	244.208	3.609	18,69	2,75	-13,43
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.015	15.721	3.916	2,03	14,68	12,39
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	15.700	50.604	3.223	4,67	1,41	-3,11
São M. do Oeste	42.790	128.454	3.002	45.630	142.702	3.127	6,64	11,09	4,18
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.040	545.578	3.685	6,77	11,02	3,98
Santa Catarina	**658.254**	**2.413.801**	**3.667**	**703.278**	**2.448.604**	**3482**	**6,84**	**1,44**	**-5,05**

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema Acompanhamento Safras, Abr. 2018.

Panorama regional

Região Oeste

Nos municípios que representam as Microrregiões de Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste a colheita já se encontra em fase final, com registro de 100% da área colhida em 10 de maio. Os rendimentos das lavouras estão mantendo patamar equivalente à safra passada, com registros de produtividade de 3.300-3.600kg/ha, em média. Os preços em elevação no último mês têm animado os produtores.

Campos Novos, Curitibanos e Caçador

Colheita praticamente finalizada. Safra com rendimento ruim, mas ótimos preços. A produtividade caiu devido a problemas climáticos e doenças, já anteriormente comentados aqui. Em muitas áreas ocorreu incidência de "mofo branco ou esclerotinia", doença causada pelo fungo *Sclerotinia sclerotiorum*, que apresenta alto potencial de prejuízo à cultura da soja. Nas áreas mais afetadas foram registradas quebra de rendimento. As produtividades registradas são de 45-70 sc/ha.

Campos de Lages: Relato de chuvas insuficientes em janeiro na região poderão comprometer a produtividade esperada. Segundo relatos de técnicos de cooperativas, o principal fator que afetará a produtividade da soja não será o período de estiagem, mas sim o período de dias nublados que ocorreu no início do ciclo, o que determinou a perda de folhas da parte inferior das plantas, afetando, principalmente, o tamanho de grãos.

Região Norte (Canoinhas, Mafra): Colheita concluída em 98% das áreas. O rendimento médio obtido permaneceu dentro das estimativas anteriores e , apontam para redução de 9,0% em relação à safra anterior, ou seja, de3.470kg/ha na safra atual contra 3.813kg/ha na anterior. Em propriedades com nível tecnológicos mais avançado, a redução na produtividade é maior, chegando a 18% - 3.800kg/ha atual contra 4.500kg/ha anterior. Redução nos volumes de chuva em janeiro e fevereiro/18 e chuvas excessivas em março/18, período de granação/maturação/colheita, foram as principais causas da redução no

rendimento da cultura. Mesmo com a queda no rendimento, os preços atuais compensam a "perda", com produtores se mostrando otimistas com os resultados.

Estado: O ritmo de colheita no Estado alcançou 97,8% até 10 de maio. Nas áreas restantes, as lavouras estão em maturação. O tempo seco nos últimos 30 dias favoreceu os trabalhos de colheita. Problemas pontuais de estiagem na região de Campos de Lages e ocorrência de "mofo branco" em Campos Novos e Região Norte indicam rendimentos um pouco inferiores frente a safra anterior, em torno de 3%, conforme pode ser observado na tabela anterior. No entanto, em função do crescimento da área cultivada, a produção total do Estado deverá apresentar crescimento frente à safra anterior. A diminuição no rendimento das lavouras está se confirmando nas principais regiões produtoras, muito em função da intensificação dos problemas acima relatados. Cabe o registro da importância de o planejamento para próxima safra incluir a rotação de culturas nas áreas cultivadas com soja e milho. Vários trabalhos têm demonstrado as vantagens econômicas do sistema de rotação soja x milho[3]. Outros estudos demonstram que a avaliação quantitativa com diferentes tipos de indicadores é fundamental na determinação da sustentabilidade dos sistemas de rotação e sucessão de culturas[4]. Além disto, a rotação de cultura soja x milho e outras é fundamental para sistema de plantio direto e conservação do solo.

- **No Brasil**, a evolução da colheita da nova safra começa a ganhar um ritmo melhor, revelando, também, produtividades ótimas na maior parte dos Estados. Com registros de melhora nas estimativas de produtividade no Matopiba, a produção de soja deverá alcançar recorde de 117 milhões de toneladas, 2,6% superior à safra passada[5].

Fatores determinantes de mercado no período

- **A alta do dólar em relação ao real** impulsionou os preços da soja no Brasil em abril. Na última semana do mês, a moeda americana atingiu o maior nível desde junho de 2016. Nesse cenário, as médias mensais para o Índice de soja ESALQ/BM & FBovespa em Paranaguá e Índice ESALQ CEPEA para o Paraná foram 85,53 reais e 79,60 BRL por saca de 60 quilos, os maiores desde julho de 2016, em termos reais (IGP-DI a partir de março/18).

- **Relatório divulgado pelo USDA:** O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos apresentou, no último dia 10 de maio. Alguns dos números mais esperados são os referentes a nova safra norte-americana, 2018. E algumas expectativas para as estimativas já começam a ser observadas no mercado. Destaque para redução dos estoques finais norte-americanos de soja, bem como os globais.

- **Política protecionista**: ainda repercutem no mercado as relações comerciais entre China e USA. Com isso, o produtor brasileiro ganha a preferência na compra da soja do Brasil pela China. Os prêmios nos portos para a soja do Brasil, maior exportador global do produto, subiram mais ante os contratos futuros de Chicago.

- Por tudo isto, aliado a quebra da safra Argentina, o cenário do soja em 2018 já está sendo promissora para os produtores brasileiros e catarinenses de soja, uma vez que os preços estão sendo impulsionados pelos fatores relacionados.

[3] Comportamento e possibilidades da cultura do milho em plantio direto no estado do Paraná. O. Muzilli, et. al. Pesq. agropec. bras., Brasília, 18(l):41-47, jan. 1983.

[4] Sustentabilidade de sistemas de rotação e sucessão de culturas em solos de várzea no Sul do Brasil. Cienc. Rural [online]. 2009, vol.39, n.6, pp.1708-1714. Epub June 05, 2009

[5] Conab|ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS|v. 5 - Safra 2017/18, n.8 - Oitavo levantamento, maio 2018.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Preço do trigo pago ao produtor começa a reagir

A safra de trigo 2017/18 foi marcada por uma acentuada queda na área plantada e na produção estadual. Quando comparada à safra passada, esta redução chega a 23% na área plantada, 44% na produção e 27% no rendimento médio. Os baixos preços pagos aos produtores, aliados a problemas recorrentes de frustração de safras em função de ataque de pragas e doenças, decorrentes da ação de eventos climáticos extemos, como excesso de chuvas e/ou granizo, tem desestimulado os produtores a investir na cultura.

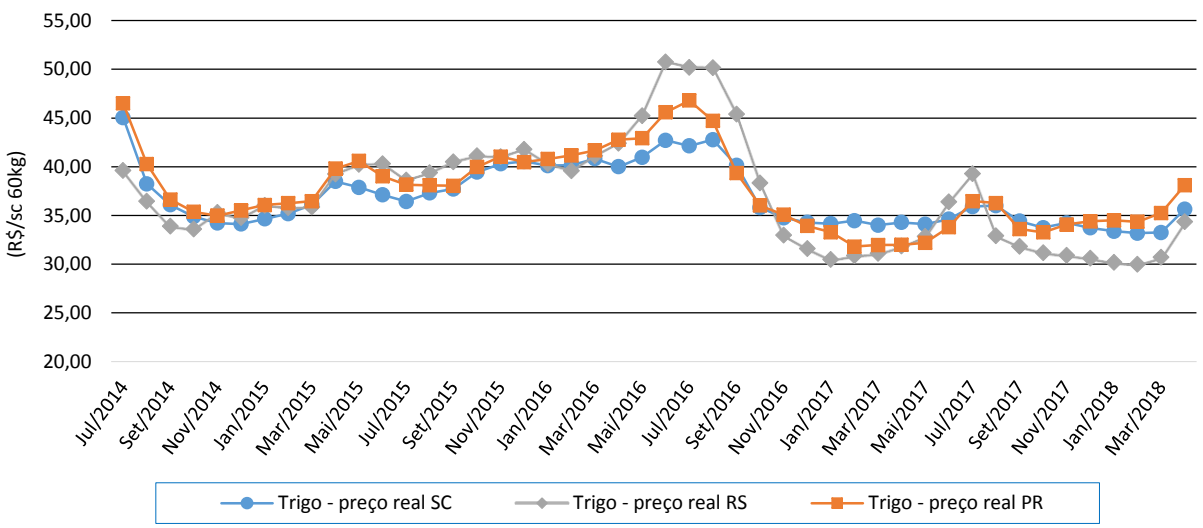
Com plantio programado para iniciar a partir da segundo quinzena de maio, produtores e cooperativas estão cautelosos em anunciar projeções mais ousadas de intensão de plantio. No Paraná, principal estado produtor do cereal, o plantio já iniciou com força nas regiões de Maringá (40%) e Toledo (70%). Em todo Estado já foram plantados cerca de 7% dos 74.940 ha de área plantada esperados para essa nova safra. No Rio Grande do Sul, produtores estão em busca de crédito para a compra dos insumos. Por lá há uma tendência de aumento da área plantada, muito em função do aumento do preço pago ao produtor ocorrido nas últimas semanas. No estado gaúcho os plantios devem se iniciar a partir de meados de maio. No país vizinho, a Argentina, os produtores estão animados para o início do plantio, que se inicia em maio e vai até agosto. Por lá, as condições climáticas para a semeadura são consideradas boas e as recentes altas nas cotações do cereal tem animado produtores.

No mercado balcão, o preço da saca de 60kg do trigo grão pago ao produtor catarinense teve alta de 7,16% no mês de abril em comparação a março. Contudo, nos últimos dias os preços subiram significativamente. Nesta primeira semana de maio o preço médio acumulado da saca de 60kg já está em R$ 37,80, alta de 14,5% em relação a abril. No Rio Grande do Sul, a alta no mês foi de 11,89% e, em relação à abril de 2017, a variação chega a 22,46%. Para o estado do Paraná a situação não é diferente. No último mês, tivemos uma alta de 8,06%. Em comparação a abril de 2017 a variação acumulada é de 20,04%. Os atuais preços praticados são os melhores do ano e devem se sustentar em função dos baixos estoques de trigo nacional de boa qualidade, aumento nos custos de importação, em função da alta do dólar, e ligeiro aquecimento da demanda interna.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor - safra 2017/18 – R$/saca de 60kg

Estado	Mar./18	Abr./18	Variação mensal (%)	Abr/17	Variação anual (%)
Santa Catarina	33,25	35,63	7,16	33,60	6,04
Paraná	35,25	38,09	8,06	31,73	20,04
Rio Grande do Sul	30,70	34,35	11,89	28,05	22,46
São Paulo	41,96	48,16	14,78	44,39	8,49

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em grão nacional.
Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). abril/2018.



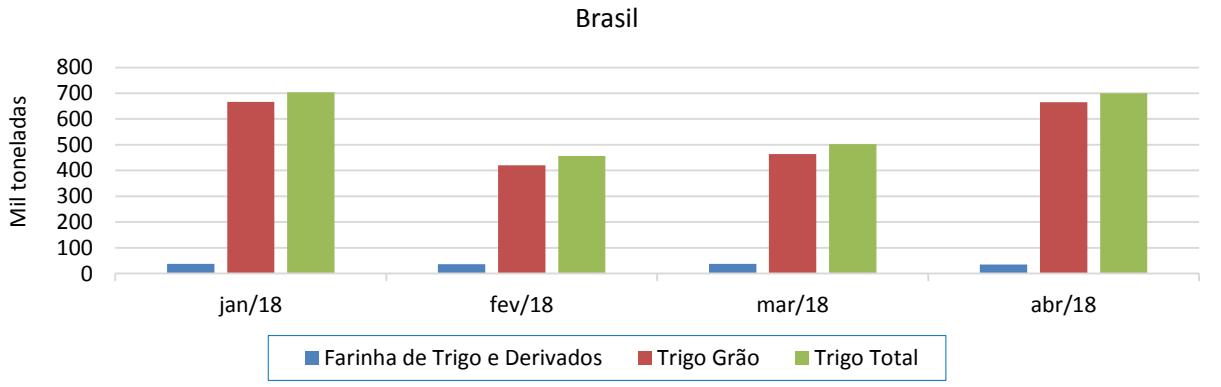
Fonte: Epagri/Cepa.

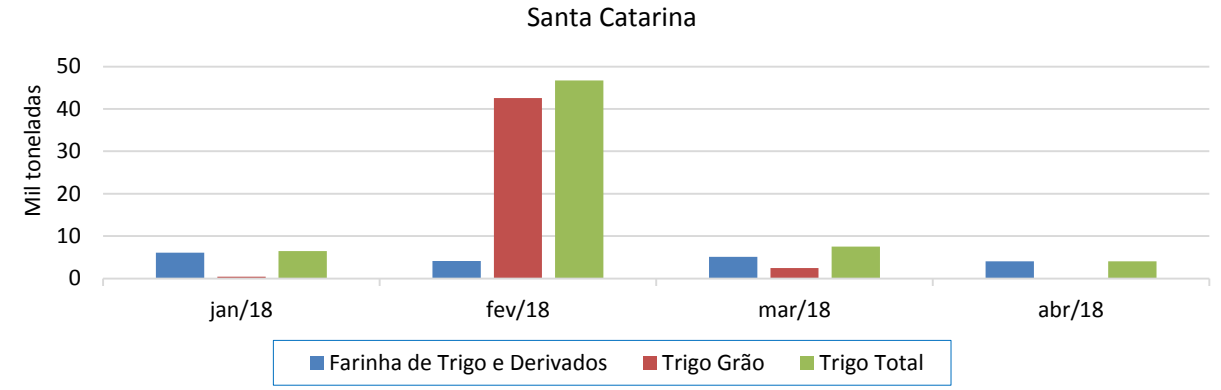
Trigo Grão – Evolução do preço – Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul (jul./2014 – abr./2018)

A alta nas cotações do trigo passa por uma série de fatores. Nos Estados Unidos, problemas de ordem climática estão trazendo insegurança aos produtores para o trigo de primavera, aspecto que pode interferir na oferta de trigo para exportação. Já na Argentina, nosso principal fornecedor de trigo, está enfrentando uma crise em função da seca que assolou o país. As culturas de verão foram fortemente impactadas durante todo ciclo, situação que se agravou na colheita em função do excesso de chuvas. Estimativas do Governo Argentino reportam perdas da ordem de 20 milhões de toneladas de soja e 7 milhões de toneladas de milho. Essa situação de insegurança em relação ao que vai ser colhido traz uma quadro de escassez de grãos e faz com que produtores retardem suas vendas, em busca de melhores preços. Diante desse cenário, a safra de inverno passa a ser fundamental para que os produtores possam recuperar suas perdas financeiras com as culturas de verão. Por isso, a expectativa passa a ser positiva para a safra argentina de trigo.

Com alta nos preços e a entressafra brasileira, o trigo deverá ter preços reajustados e repassados a toda cadeira produtiva nos próximos meses. Segundo a Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), a substituição do trigo argentino pelo norte americano não é viável em função dos altos custos de importação. O atual quadro de falta de produto pode levar a um aumento nos preços ao consumidor final, trazendo, como consequência, reajustes nos preços dos pães, massas, bolachas, biscoitos, etc. Para a Abitrigo, a melhor opção seria o investimento na produção nacional de trigo, o que propiciaria uma ambiente interno favorável à indústria moageira, com garantia de abastecimento de matéria prima a preços competitivos. Segundo levantamento do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), entre março e abril as cotações das farinhas para pré-mistura, massas em geral, bolacha salgada e panificação registraram alta de 6,06%, 5,84%, 4,9% e 4,64%, respectivamente. Segundo a indústria moageira, a elevação nas cotações do trigo ocorreu pela necessidade de repasse de custos, desde a aquisição da matéria-prima até gastos com energia elétrica. De março para abril o preço do farelo de trigo ensacado subiu 13,4% e o do trigo a granel 10,64%.

Em relação a balança comercial brasileira, em abril o País voltou a importar volumes significativos de trigo, sobretudo da Argentina. Para os próximos meses esse cenário tende a mudar, com a alta do dólar, o trigo argentino, seja na forma de farinha de trigo e derivados ou trigo grãos, deverá chegar aqui mais caro. Segundo dados do Alice Web, no mês de abril as importações voltaram a subir, em relação à março, as compras internacionais de farinha de trigo e derivados e trigo grão tiveram um incremento da ordem de 39,5%, passando de 502,0 para 700,2 mil toneladas. Em abril, não foi registrado aquisição de trigo grão em Santa Catarina, sendo que as aquisições de farinha de trigo e derivados alcançou 4,0 mil toneladas.





Fonte: Alice Web/MIDC (adaptado pelo autor).

Importações – evolução das importações de farinha de trigo e derivados e trigo grão - (janeiro – abr./2018)

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Permanecem as dificuldades para a Comercialização da safra do alho catarinense

Os produtores continuam as atividades de beneficiamento e acondicionamento do produto para a comercialização, cuja produção é oriunda de aproximadamente 2.500ha de área plantada (Epagri/Cepa/2017). Porém, as dificuldades de mercado estão provocando grandes problemas à cadeia produtiva.

O estado de Santa Catarina representou aproximadamente 22% da área de produção no Brasil na safra 2017, segundo dados do IBGE. Em relação à safra anterior, o Estado teve um incremento de 20% na área plantada, impulsionada, especialmente, pelos bons resultados econômicos e produtivos da safra 2016/17.

Em Santa Catarina, a hortaliça é produzida basicamente por agricultores familiares, que utilizam pequenas áreas e essencialmente mão-de-obra familiar. Nos picos de demanda de trabalho é contratada mão-de-obra local ou mesmo vinda de diversas regiões do país. Dentre outras, estas características da produção catarinense de alho refletem o nível de importância socioeconômica da cultura para o Estado.

Como já registrado anteriormente, a safra que ora está sendo comercializada teve seu ciclo de desenvolvimento produtivo afetado, em períodos críticos para a cultura, pela falta de chuvas, que ocasionou déficit hídrico nas lavouras. Como reflexos destas condições, o produto apresenta maior percentagem de bulbos de menor calibre, embora de muito boa qualidade sanitária, com coloração intensa e boa textura. Dentre outras consequências desta situação, os produtores tiveram significativo aumento nos custos de produção, em função da necessidade de intensificar o uso da irrigação.

A conjuntura geral de mercado permanece com oferta em alta, o que, aliada à nova queda dos preços internacionais, ocasionou redução dos preços pagos aos produtores. Neste sentido, a dinâmica de comercialização da safra catarinense se mantêm com pouca movimentação de negócios desde o início do ano.

As informações coletadas a campo pelos nossos agentes de mercado e técnicos da extensão rural junto a diversos parceiros e cooperativas de comercialização, mostram que os preços pagos aos produtores permanecem nos patamares do mês passado e praticamente sem perspectivas de alteração no curto prazo. Os preços pagos aos produtores praticamente não se alteração em relação ao mês passado, quando estavam R$ 1,00/kg abaixo da classe (Ex.: alho classe 5,00 - seu preço ficou em R$ 4,00/Kg e assim por diante).

Como reflexo da situação que os produtores enfrentam, ocorreram recentemente manifestações políticas de agricultores e suas organizações nas cidades de Curitibanos e Frei Rogério, polos da produção de alho em Santa Catarina, com o objetivo de sensibilizar os Governos para a grave crise que o setor enfrenta. Nesse momento, a principal e mais imediata reivindicação é com relação a renegociação dos financiamentos junto aos bancos, cujo vencimento se aproxima. Ainda não é possível termos uma avaliação mais precisa sobre o comportamento dos produtores em relação a nova safra, cujo plantio também se aproxima. A tendência é de que haverá redução de área, possivelmente para os patamares dos últimos anos.

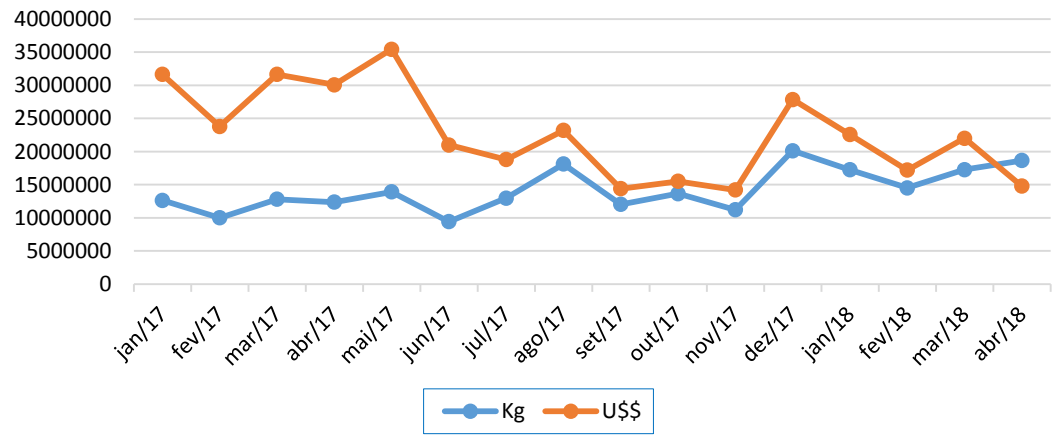
No quadro comparativo das importações, de janeiro a dezembro de 2017 foram internalizadas 159,20 mil toneladas, contra um volume de 172,97 mil toneladas em 2016, representando uma queda de 8%. Por

outro lado, ao compararmos os valores do primeiro quadrimestre de 2018 com o mesmo período dos anos anteriores, temos um comportamento das importações já superando o volume de 2016.(Tabela).

Esta conjuntura é reflexo da maior oferta mundial do produto e da consequente redução dos preços internacionais em relação à safra anterior.

O preço médio FOB declarado por kg de alho no mês de fevereiro de 2018 foi de US$ 1,18/kg. Já no mês de março, o preço registrado foi de U$ 1,27/kg, uma recuperação de 7,09%. Porém, no mês de abril o preço médio FOB registrado teve queda, atingindo US$ 0,79/Kg, o que agrava a situação para a comercialização da safra catarinense.

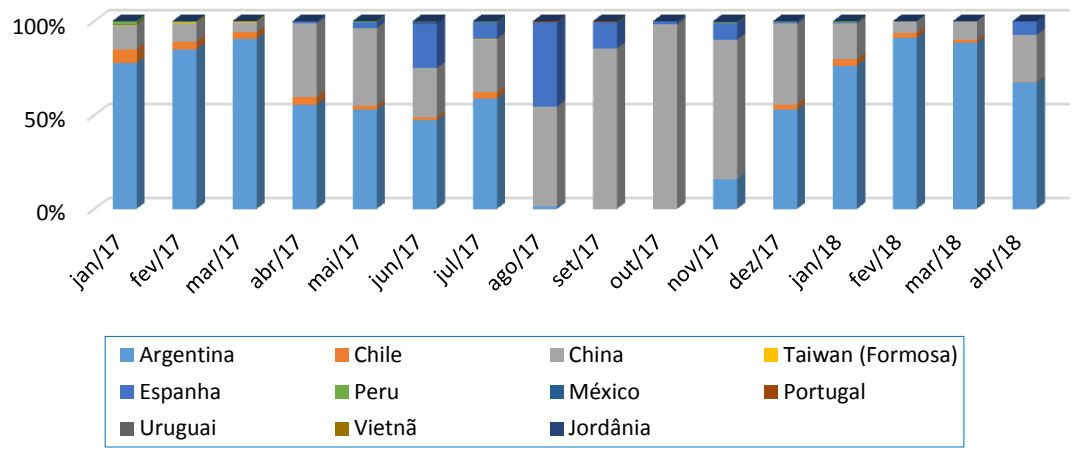
A internalização do alho, cujo volume foi de 18,65 mil toneladas no mês de abril/18, teve um valor total registrado de US$ 14,77 milhões, conforme pode ser visto na figura abaixo.



Fonte: Comexstat/MDIC: maio/2018.

Importação de alho pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan.- abr./2018

Na figura a seguir apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de abril de 2018 o principal fornecedor continuou sendo a Argentina, com 12,53 mil toneladas, perfazendo 67,18 % do total do alho importado, seguido da China, com 4,68 mil toneladas, atingindo 25,09 % e a Espanha com 1,36 mil toneladas, equivalente a 7,29%. Na soma desses três países temos 99,56 % do volume importado. O restante do produto, 0,44%, foi fornecido pelo Chile.



Fonte: Comexstat/MDIC: maio/2018.

Participação % dos países fornecedores de alho ao Brasil - jan. a dez. 2017 e jan./abr. 2018

Comparando-se os anos de 2016 e 2017, percebe-se que em 2016 houve a internalização de 172,97 mil toneladas de alho, a um custo de US$ 328,51 milhões, contra US$ 287,52 milhões em 2017, com a importação de 159,20 mil toneladas. Estes dados mostram que o custo médio FOB registrado por quilo baixou de U$$ 1,89/kg em 2016 para US$ 1,80/kg no ano de 2017.

Quando comparamos os números do primeiro quadrimestre de 2018, o custo médio FOB registrado por kg de alho importado foi de US$ 1,13. Estes dados demonstram queda significativa e constante nos preços internacionais, com consequências negativas para os produtores catarinenses e brasileiros.

Brasil - Importações de alho – 2016-18 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	**172,97**
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	**159,20**
2018	17,24	14,53	17,28	18,65	-	-	-	-	-	-	-	-	**67,7**

Fonte: Comexstat/MDIC: maio/2018.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Comercialização em fase final e preços em alta ao produtor.

A safra catarinense é comercializada, geralmente, até os meses de abril/maio, com alguma extensão deste período para os meses seguintes, a depender do volume ofertado e de alguns fatores relacionados, especialmente ao mercado, como importações, e o consumo. Com volume de produção e oferta da hortaliça menor na presente safra em relação à safra passada, a comercialização da safra está em sua reta final.

Como amplamente divulgado, a safra, cuja comercialização ora chega ao final, foi atingida pela falta de chuvas em período crítico do desenvolvimento da cultura. Embora a boa estrutura de irrigação presente em grande número de propriedades, essa condição climática afetou importantes aspectos produtivos e a qualidade comercial da hortaliça. A principal consequência foi a maior presença de bulbos de menor diâmetro (classe 2), que normalmente tem menor preço no mercado.

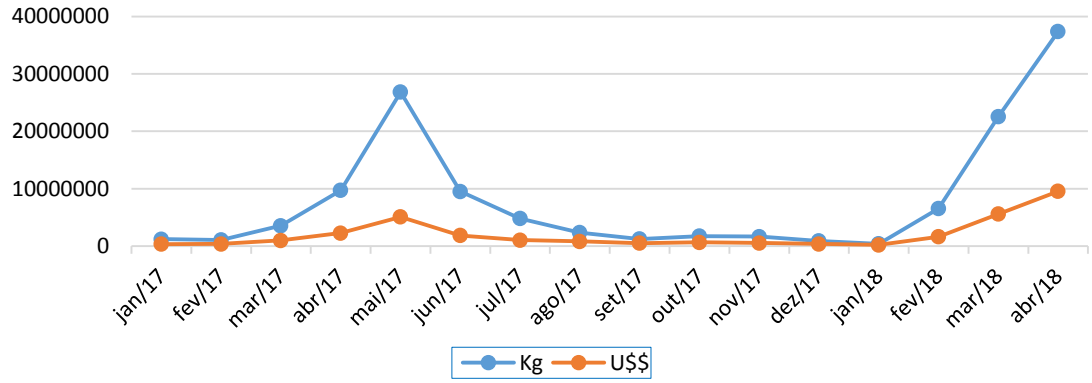
Porém, nesta fase final da comercialização da safra catarinense, o mercado reagiu positivamente e até surpreendeu de modo geral, propiciando importante alta nos preços da hortaliça, atingindo o maior valor pago aos produtores nos últimos dois anos.

Ainda em relação ao mercado da cebola, após um início do mês de março pouco movimentado em termos de comercialização, há segunda quinzena iniciou com uma melhora significativa nos preços. Já no início do mês de abril, nas principais praças de comercialização de cebola acompanhadas pela Epagri/Cepa o preço pago ao produtor foi de R$ 1,50 a R$ 2,00/Kg. No final do mês, o patamar de preços ao produtor já ultrapassava R$ 2,00/kg.

O mercado reagiu em função do final da comercialização da safra do Sul do Brasil, coincidindo com um retardamento da entrada da cebola, por excesso de chuva e qualidade, produzida no Nordeste. Nesse próximo período o mercado será abastecido pela produção do Nordeste e com a produção da nova safra dos estados de São Paulo e Goiás.

Em relação aos principais mercados atacadistas, a cebola na Ceagesp, maior central nacional de abastecimento e balizadora referencial de preços, a hortaliça nacional (bulbo médio) foi comercializada nas últimas semanas de abril com preços variando de R$ 3,93 a R$ 4,19/kg. Na mesma central, o preço da cebola argentina variou de R$ 4,2 a R$ 4,28/Kg no período. Tanto para a cebola nacional quanto para a importada a variação do preço foi próximo a 100% em relação ao final do mês de março.

Na Ceasa/SC os preços no atacado para a cebola classe 3, na primeira semana de maio, atingiram patamares de R$ 3,50/Kg a R$ 3,58/Kg, acréscimo próximo de 100% em relação as primeiras semanas do mês de abril.

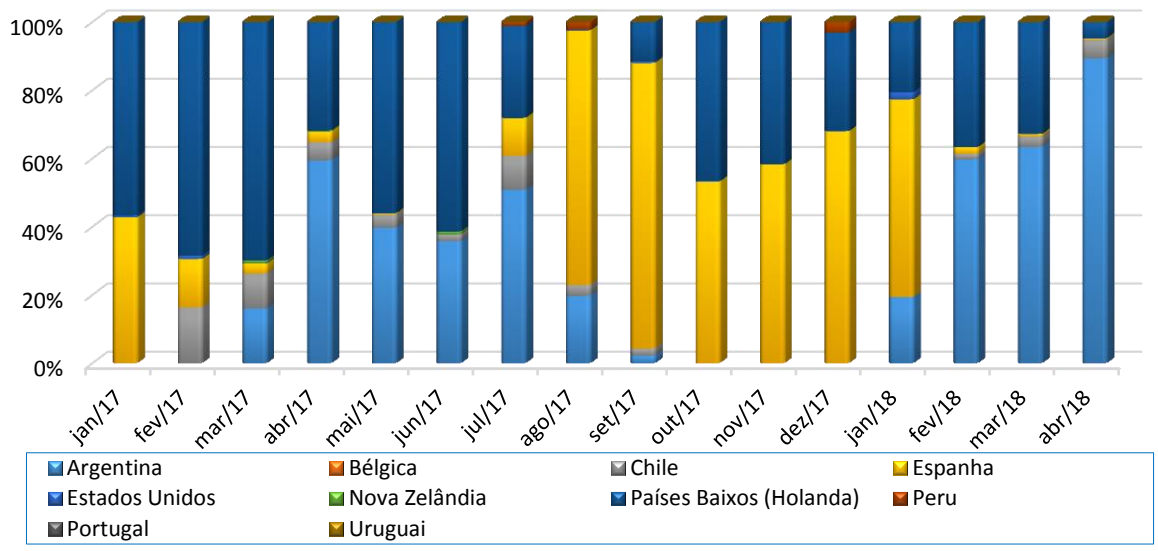


Fonte: Comexstat/MDIC – maio/2018.

Importação de cebola pelo Brasil mês a mês - jan./2017 e abr./2018

No mês de abril, como pode ser observado pelos números das importações de cebola (Figura acima), ocorreu um novo incremento na internalização do produto em relação ao mês de março. O aquecimento do mercado interno brasileiro permitiu, mesmo que esteja em vigor a taxação do produto oriundo de países fora do Mercosul, que houvesse um crescimento importante na internalização da hortaliça em relação ao mês de abril.

Ainda em relação a importação de cebola pelo Brasil, no mês de abril a entrada foi comandada pelas cebolas holandesa e argentina, como pode ser visto na figura abaixo. Chama a atenção o recorde no volume internalizado da hortaliça no mês em análise, cujo montante chegou a mais de 37 mil toneladas e dispêndio superior a US$ 9,5 milhões.



Fonte: Comexstat/MDIC – maio/2018.

Participação % dos países fornecedores de cebola ao Brasil - mês a mês – jan./2017 e abr./2018

Importante registrar que o mercado brasileiro de cebola tem relação direta com o volume da produção interna, a sazonalidade, fluxo e dinâmica das importações, bem como o aproveitamento da logística de transporte que os países exportadores potencializam, tendo como exemplo a Holanda. Sendo assim, percebe-se que as importações realizadas no primeiro quadrimestre do corrente ano apresentam um crescimento significativo em relação ao que ocorreu no mesmo período do ano anterior. Este crescimento chama a atenção, pois, como registramos anteriormente, está em vigor a LETEC desde dezembro de 2017, com taxação significativa para entrada de produto oriundo de países fora do Mercosul.

Dentre outras questões estratégicas para os cebolicultores de Santa Catarina e do Sul do Brasil, além das formalidades legais de manutenção do atual marco regulatório do tratado do Mercosul e a taxação de produto oriundo de outros países, a questão tecnológica está colocada como grande desafio para o setor. É fundamental aproveitar a "janela de proteção" que a LETEC sobre a cebola propicia, tomando-a como grande oportunidade para preparar a cadeia produtiva da cebola no Brasil e, especialmente, do Sul do país.

O desafio é alcançar novos patamares de competitividade comercial e de mercado. Apesar dos avanços importantes dos últimos anos, enfrentar desafios como da produtividade, do custo de produção, da redução de perdas pós colheita, dentre outros, deve estar na pauta do dia a dia da pesquisa, da assistência técnica e das lideranças do setor, de modo que a cadeia produtiva tenha, em curto espaço de tempo, o seu plano estratégico de desenvolvimento.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Quase dois meses depois da deflagração, a operação "Trapaça" segue gerando impactos sobre a cadeia produtiva de frangos do país. Após o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) suspender temporariamente as autorizações de exportação dos frigoríficos supostamente envolvidos nos ilícitos investigados pela Polícia Federal (posteriormente incluindo nessa vedação todas as unidades da BRF), na segunda quinzena de abril foi a vez da União Europeia (UE) anunciar a proibição de importação de carne de 20 frigoríficos brasileiros. Desse total, 12 são da BRF e os demais de outras empresas. Em Santa Catarina, 3 unidades da BRF figuram na lista da UE: Capinzal, Chapecó e Concórdia.

Em 2017, o Brasil exportou 323,58 mil toneladas de carne de frango para a União Europeia, o que representa 7,65% da quantidade exportada pelo país naquele ano. Desse total, 147,88 mil toneladas eram oriundas de Santa Catarina (15,23% de toda a carne de frango exportada pelo estado no ano passado).

Segundo recente declaração do ministro da agricultura, a suspensão das importações de carne de frango deve atingir de 30% a 35% do total vendido para a UE. Ainda de acordo com o ministro, a União Europeia estaria usando preocupações sanitárias para adotar restrições comerciais contra o Brasil, razão pela qual o país iria recorrer contra a medida junto à Organização Mundial do Comércio (OMC).

Conforme aponta a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a proibição terá impacto no mercado brasileiro, sendo esperadas as seguintes consequências: excesso de oferta de frango no Brasil e falta do produto na Europa; queda de preço do frango no Brasil e alta na Europa; redução na produção por parte dos frigoríficos, principalmente aqueles impedidos de exportar para a UE.

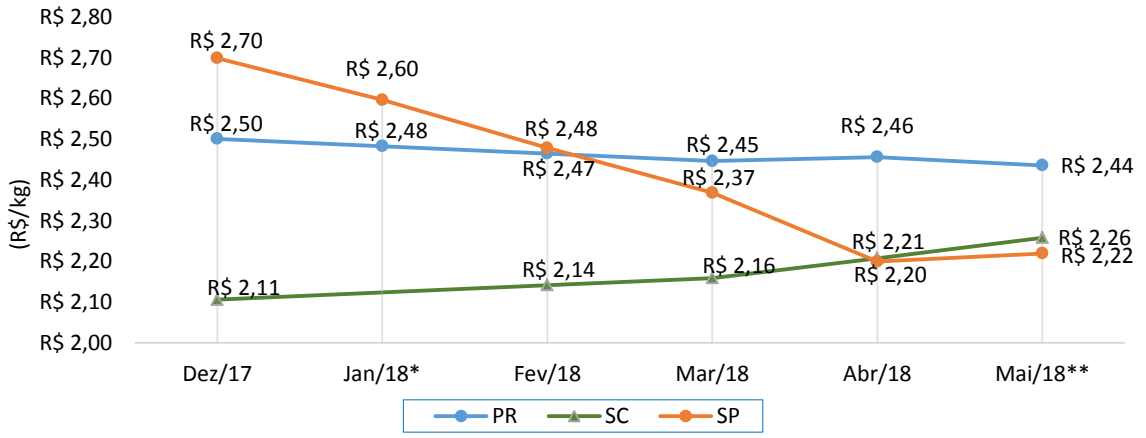
Um dos resultados de curto prazo dessa medida foi a ampliação no número de unidades de abate que anunciaram a concessão de férias coletivas nos próximos meses. O mais recente anúncio de férias coletivas foi feito pela unidade da BRF de Toledo/PR.

Apesar do descredenciamento das 20 unidades de abate brasileiras, no que diz respeito aos preços do frango vivo ainda não houve alterações significativas nas tendências previamente observadas. Conforme é possível perceber no gráfico apresentado na sequência, em Santa Catarina segue o movimento de alta no preço médio do frango vivo, já observado há vários meses. Em abril a alta foi de 2,26% em relação ao mês anterior, enquanto a média preliminar de maio apresenta variação de 2,29%.

No Paraná, após uma pequena alta de 0,40% em abril (interrompendo uma sequência de três quedas consecutivas), até a segunda semana de maio registrava-se novamente oscilação negativa no preço preliminar deste mês: -0,84%. Já São Paulo, que registrou queda expressiva em abril (-7,14%), apresenta uma pequena recuperação no preço preliminar de maio, com alta de 0,91% na comparação com o mês anterior.

Vale mencionar que o descredenciamento da UE começa a valer efetivamente a partir de meados de maio, o que talvez ajude a explicar a ausência de efeitos mais drásticos nos mercados anteriormente mencionados.

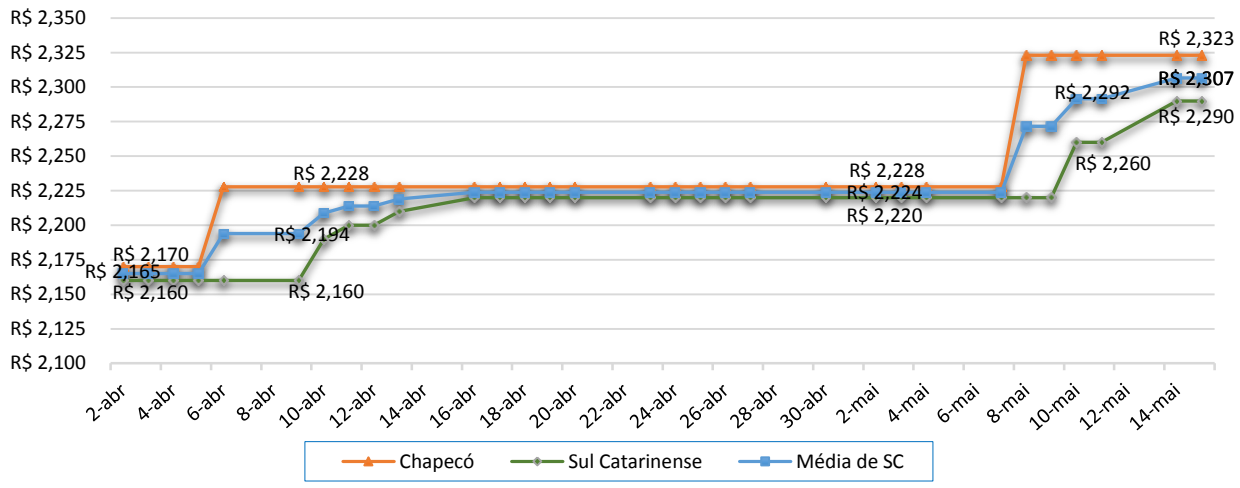
Quando se compara os valores atuais com aqueles praticados em maio de 2017, a variação é negativa no Paraná (-3,05%) e em São Paulo (-11,20%). Santa Catarina, por sua vez, apresenta variação positiva (1,21%). De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,76%.



(') Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.
* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018. Nos demais meses utilizou-se os preços médios mensais da praça de referência de Chapecó.
** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal(') mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017/2018

Assim como já observado no boletim anterior, as altas registradas em Santa Catarina ao longo das últimas semanas concentram-se no início de cada mês tanto em Chapecó como no Sul Catarinense, conforme fica evidenciado no gráfico abaixo. As duas praças mostraram movimentos bastante semelhantes no período analisado, embora com intensidades distintas. Em Chapecó, por exemplo, o preço médio preliminar de maio é 2,87% superior à média de abril, enquanto no Sul Catarinense essa diferença é de somente 1,56%.

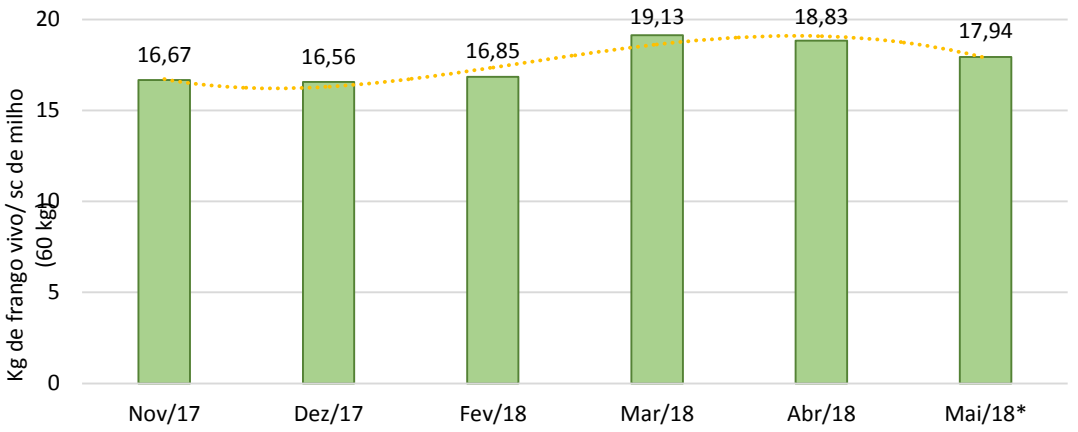


(') Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal(') diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual –2/abr. a 15/mai./2018

Em abril o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, aumentou 5,14% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula alta de 14,89%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (+13,89% no ano). Os pintos de um dia também contribuíram para esse aumento (+0,81% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPFrango foi de 19,44%.

Os aumentos no preço do frango vivo observados nas últimas semanas na praça de Chapecó fizeram com que a relação de equivalência insumo/produto registrasse queda de 1,58% em abril e de 4,71% em maio (valor preliminar).



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.
* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2017/2018

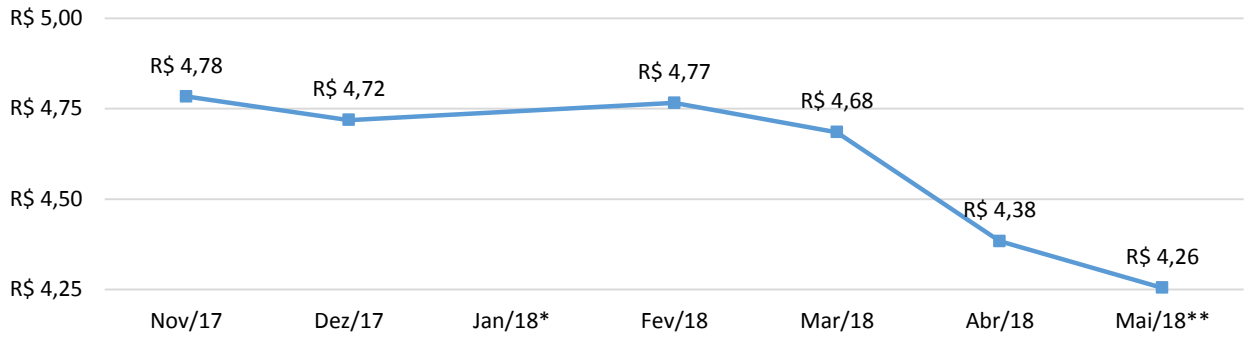
O comportamento do indicador também foi influenciado pela queda no preço médio do milho no atacado (-1,80% em relação ao mês anterior), primeira variação negativa desse produto desde julho de 2017. Apesar da oscilação negativa, o valor atual do milho ainda é 41,38% superior àquele registrado em maio de 2017. Em relação a maio de 2016, no entanto, há uma defasagem de 16,89%.

De acordo com a Conab (8º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18), houve uma pequena ampliação na estimativa de colheita de milho em relação ao relatório anterior. A 1ª safra deve ser 13,79% menor que no ano anterior (em abril estimava-se queda de 15,96%). Para a 2ª safra, contudo, estima-se uma redução levemente maior que no relatório anterior: -6,58% (contra -6,48% na estimativa de abril). A safra total deverá ser de 89,21 milhões de toneladas, queda de 8,83% em relação ao ano anterior (em abril estimava-se queda de 9,43%).

De acordo com as estimativas da Epagri/Cepa, em Santa Catarina também serão observadas reduções significativas. Somando-se a 1ª e a 2ª safra, no ano agrícola 2017/2018 devem ser colhidas no estado cerca de 2,60 milhões de toneladas, queda de 19,70% em relação ao ciclo anterior.

No mercado atacadista de Santa Catarina registram-se movimentos distintos para a carne de frango, de acordo com o tipo de corte. Segundo os dados da Epagri/Cepa, dos quatro cortes cujo preço é levantado pela instituição, dois apresentam variações negativas e dois positivas nas médias preliminares de maio, quando comparadas ao mês anterior: coxa/sobrecoxa congelada (3,07%), filé de peito congelado (1,47%), frango inteiro congelado (-2,93%), peito com osso congelado (-0,12%).

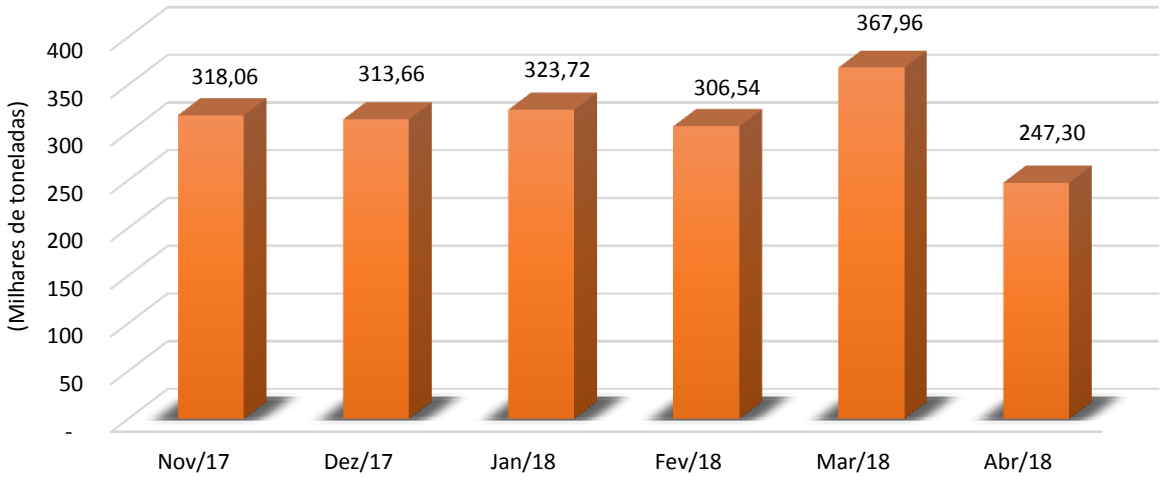
Chamam a atenção as variações positivas anteriormente apontadas, já que as recentes vedações à exportação de carne de frango tendem a aumentar a oferta no mercado interno e, com isso, forçar uma queda nos preços de atacado e ao consumidor. Contudo, por enquanto isso é observado de forma mais expressiva apenas no caso do frango inteiro congelado, que atingiu seu menor preço nominal desde agosto de 2014. Na comparação com maio de 2017 a variação é de 8,04%. O gráfico a seguir apresenta a evolução no preço desse produto durante os últimos sete meses.



* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango inteiro congelado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2017/2018

Quanto às exportações, após os resultados favoráveis de março, em abril o Brasil voltou a registrar números negativos expressivos. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado o país exportou 247,30 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de 32,79% em relação ao mês anterior e 22,13% abaixo do registrado em abril de 2017. Essa é a menor quantidade exportada num único mês desde janeiro de 2010.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Exportações de carne de frango – Brasil – 2017/2018

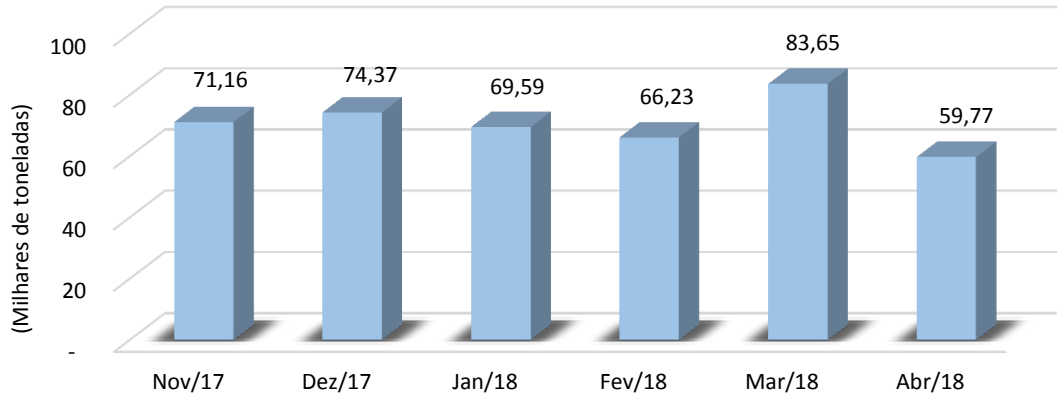
As receitas de abril também registraram variações fortemente negativas: US$476,09 milhões, queda de 18,03% em relação ao mês anterior e de 12,31% na comparação com abril de 2017. Esse é o pior resultado mensal desde março de 2016.

Os principais destinos das exportações de carne de frango brasileira em abril foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, responsáveis por 51,04% das receitas obtidas com esse produto.

As receitas acumuladas no primeiro quadrimestre foram de US$2,06 bilhões, queda de 11,64% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, foram exportadas 1,25 milhão de toneladas, queda de 9,81% em relação ao mesmo quadrimestre do ano anterior.

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de maio (8 dias úteis) apontam aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a abril: 100,71% em valor e 29,61% em quantidade. Na comparação com maio de 2017, os resultados também são positivos: registra-se aumento nas médias diárias de 75,37% em termos de valor e de 0,32% em termos de quantidade.

Santa Catarina também registrou variações negativas nas exportações de carne de frango em abril. Foram exportadas 59,77 mil toneladas, queda de 28,55% em relação ao mês anterior. Essa é a menor quantidade exportada pelo estado num único mês desde julho de 2004. Na comparação com abril de 2017 a queda também é expressiva: -17,39%.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017/2018

Em relação às receitas, as exportações catarinenses de abril totalizaram US$133,34 milhões, queda de 7,31% em relação ao mês anterior e de 1,04% na comparação com abril de 2017.

Os principais destinos da carne catarinense foram Japão, China, Países Baixos, Coreia do Sul e Emirados Árabes Unidos, responsáveis por 52,21% do valor das exportações de carne de frango do estado no mês de abril.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Abril/2018

País	Valor (US$)	Quantidade (t)
Japão	26.312.723,00	9.589
China	14.427.805,00	7.091
Países Baixos (Holanda)	10.395.201,00	3.448
Coreia do Sul	9.247.980,00	2.672
Emirados Árabes Unidos	9.229.532,00	4.498
Demais países	63.725.197,00	32.472
Total	**133.338.438,00**	**59.770**

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Dentre os cinco maiores destinos da carne de frango do estado, somente dois apresentaram aumentos na quantidade adquirida em abril, na comparação com o mesmo mês de 2017: China (1,62%) e Emirados Árabes Unidos (62,71%). Já em termos de valor, somente os Países Baixos apresentaram decréscimo (-14,13%). Destaca-se ainda o expressivo aumento das exportações catarinenses para o México, que no mês passado atingiram 3 mil toneladas e US$5,89 milhões: ampliação de 118,05% em valor e 136,77% em quantidade, na comparação com abril de 2017.

As receitas acumuladas no primeiro quadrimestre foram de US$514,04 milhões, queda de 9,86% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, foram exportadas 279,24 mil toneladas no período, queda de 9,32% na comparação com o ano anterior.

Por fim, destaca-se a mudança ocorrida na forma de obtenção dos dados de exportação. Em maio o MDIC lançou uma nova plataforma, denominada Comex Stat, a qual deverá substituir o AliceWeb. Conforme nota publicada pelo Ministério, por conta de "reprocessamento das séries históricas, serão notadas pequenas diferenças em relação aos valores do AliceWeb. O reprocessamento visa apresentar melhor precisão das informações". As informações relativas às exportações disponibilizadas neste boletim foram integralmente obtidas por meio do Comex Stat, de fato sendo observadas pequenas diferenças em relação aos dados extraídos do AliceWeb, as quais não são expressivas a ponto de invalidar ou prejudicar as análises feitas até o momento.

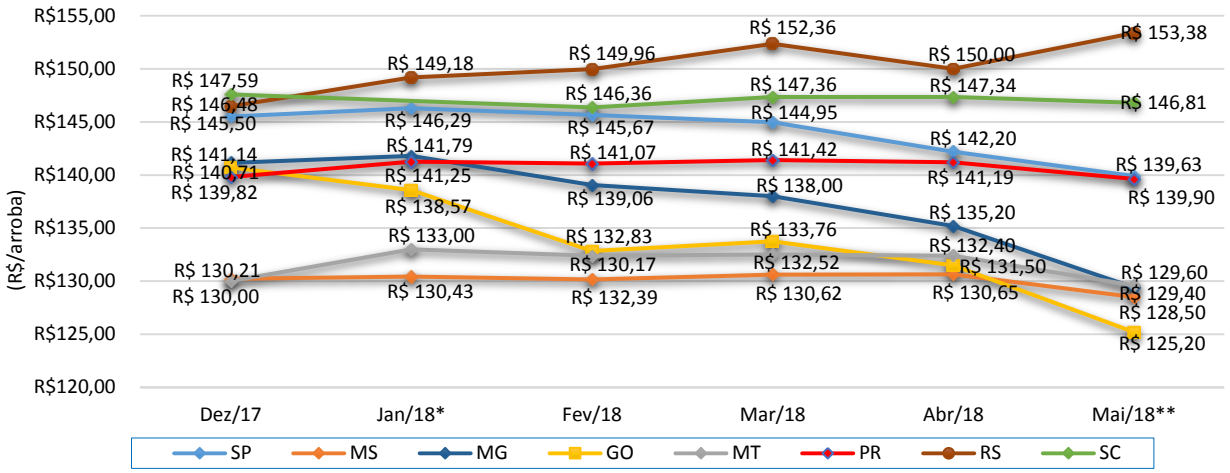
Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Após um primeiro trimestre com poucas oscilações, o mercado do boi gordo voltou a apresentar movimentos mais intensos de queda a partir de abril. Dos oito estados analisados, sete registram variações negativas na comparação entre os preços preliminares de maio e a média de abril: Goiás (-4,79%), Minas Gerais (-4,29%), Mato Grosso (-2,11%), Mato Grosso do Sul (-1,65%), São Paulo (-1,62%), Paraná (-1,11%) e Santa Catarina (-0,36%). Somente o Rio Grande do Sul apresentou variação positiva (2,25%).

Além do consumo doméstico que segue enfraquecido, outros fatores ajudam a explicar esse cenário, dentre os quais se destacam a queda nas exportações de carne bovina (conforme será detalhado adiante), a competição com outras carnes (suínos e frangos) que enfrentam restrições nas exportações e a piora da qualidade das pastagens (em razão da proximidade do período de estiagem no Centro-Oeste) que dificulta a retenção dos animais.

Nessa mesma linha, relatório divulgado no final de abril pelo Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) aponta que o consumo de carnes no mercado brasileiro ainda não reagiu de forma robusta, conforme a indústria espera que ocorra neste ano. A entidade reforça o papel dos preços baixos das carnes de frango e suína na queda das cotações da carne bovina. Para o Imea, se não houver alterações nesse cenário, o preço do boi gordo tende a continuar pressionado, apesar do aumento nos custos de produção.

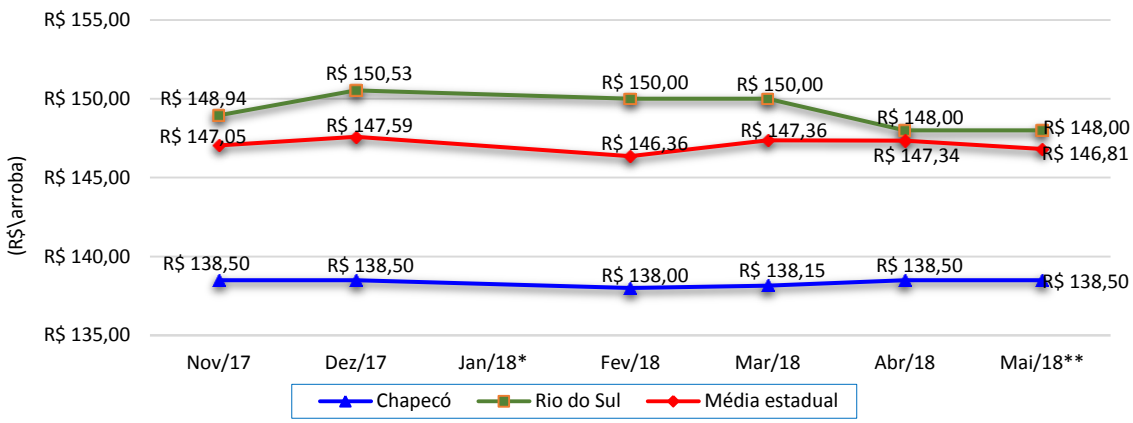


* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.
** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.
Os dados do Rio Grande do Sul referentes a abril não se encontravam disponíveis até a finalização deste boletim.
Fonte: Epagri/Cepa[(1)]; Cepea[(2)]; SEAB[(3)]; Nespro[(4)].

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC[(1)], SP[(2)], MG[(2)], GO[(2)], MT[(2)], MS[(2)], PR[(3)] e RS[(4)] – 2017/2018

Por outro lado, quando se compara os preços atuais com aqueles praticados em maio de 2017, verifica-se a predominância de variações positivas. Em sete estados são registrados aumentos: Mato Grosso (6,59%), Goiás (4,25%), Mato Grosso do Sul (3,25%), São Paulo (2,22%), Rio Grande do Sul (1,42%), Paraná (1,40%) e Minas Gerais (0,63%). Somente Santa Catarina registrou variação negativa nesse período: -5,61%. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,76% (IPCA/IBGE).

Os preços do boi gordo estiveram estáveis nas duas praças de referência de Santa Catarina (Chapecó e Rio do Sul) durante quase todos o primeiro quadrimestre, com exceção da variação registrada em Rio do Sul no mês de abril (-1,33%). Em maio os preços voltaram a apresentar um comportamento estável, não sendo registrada nenhuma oscilação nessas praças até o momento. A média estadual (elaborada a partir dos preços de 8 praças distintas) também apresenta um comportamento relativamente estável, sendo registrada somente uma pequena variação de -0,36% entre a média de abril e o valor preliminar de maio, conforme já apontado anteriormente.

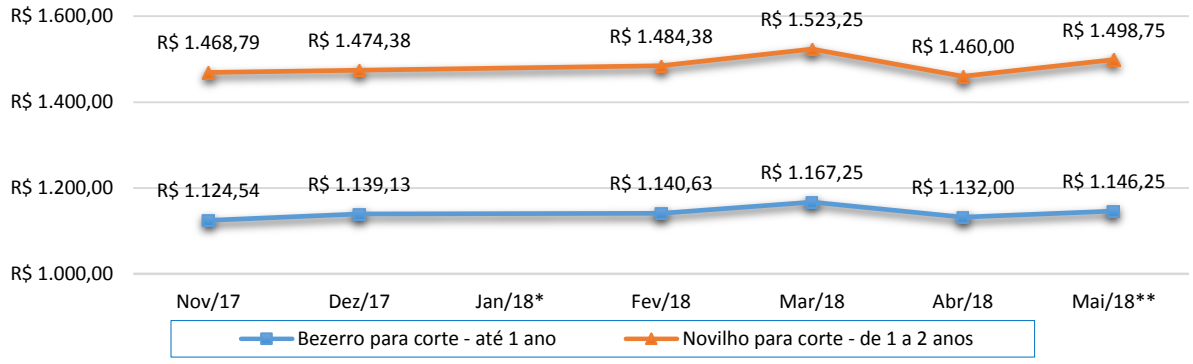


(1) Para pagamento em 20 dias.
* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo(1) nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2017/2018

Contudo, na comparação com os preços de maio de 2017, percebe-se um cenário mais desfavorável para os produtores: -8,91% em Chapecó, -7,76% em Rio do Sul e -5,61% na média estadual.

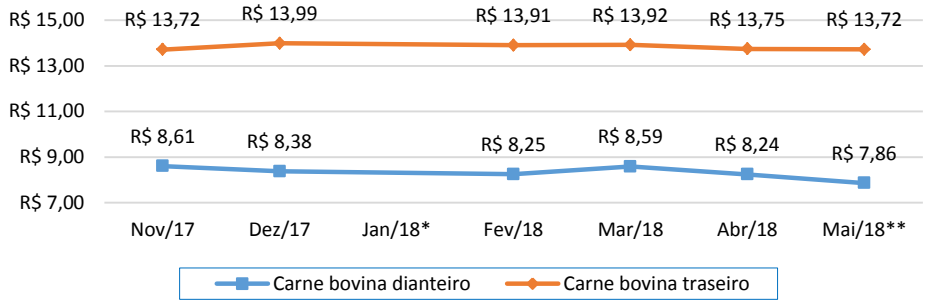
No mercado de animais de reposição, depois de uma queda em abril, os preços preliminares de maio indicam retomada do movimento de alta. Em abril registrou-se queda de 3,02% para os bezerros de até 1 ano e de 4,15% para os novilhos de 1 a 2 anos. Já em maio, verificam-se incrementos positivos nas médias preliminares para as duas categorias: 1,26% para os bezerros e 2,65% para os novilhos.



* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2017/2018

Pelo segundo mês consecutivo verifica-se a predominância de variações negativas nos preços de atacado da carne bovina em Santa Catarina. Em abril todos os cortes analisados pela Epagri/Cepa já haviam registrado quedas: dianteiro (-4,04%), meio boi (-1,79%) e traseiro (-1,24%).



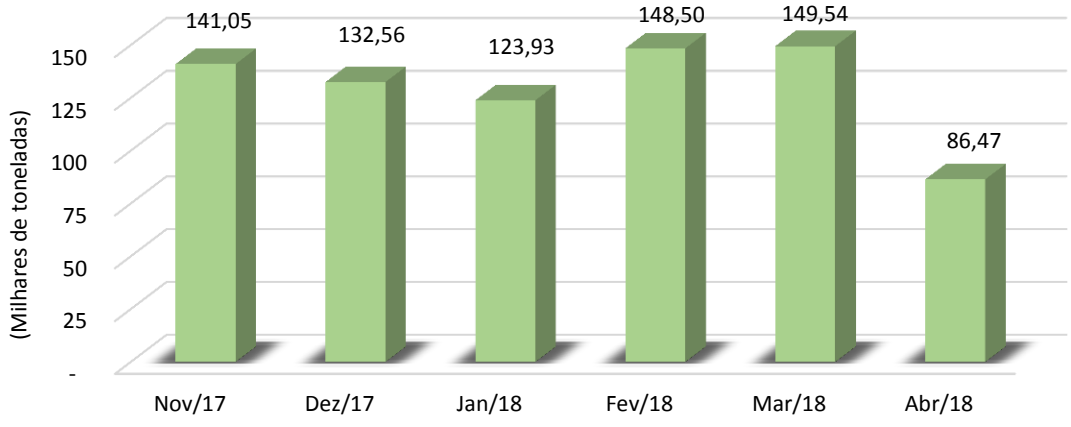
* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2017/2018

Em maio o preço médio preliminar da carne de traseiro apresenta uma pequena queda de 0,41%. Em relação a maio de 2017 a defasagem também é de -0,41%.

A carne de dianteiro registra quedas mais significativas: -4,38% em relação a abril e -8,62% na comparação com maio de 2017.

Após os recordes nos volumes de carne bovina embarcados pelo Brasil nos meses de fevereiro e março, em abril as exportações registraram queda bastante significativa. Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado o Brasil exportou somente 86,47 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de 42,18% na comparação com março e de 2,39% em relação a abril de 2017. Esse é o menor montante exportado num único mês desde fevereiro de 2012.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Exportações de carne bovina – Brasil – 2017/2018

Em abril também foram registradas quedas em termos de receitas: US$348,48 milhões, -41,09% em relação ao mês anterior e -3,54% na comparação com abril de 2017. Esse é o pior resultado mensal desde janeiro de 2016.

Apesar dos números de abril, no acumulado do primeiro quadrimestre os resultados ainda são positivos: foram exportadas 508,43 mil toneladas, 22,31% mais do que no mesmo período de 2017. Já as receitas somaram US$1,94 bilhão, aumento de 17,20% em relação ao ano anterior.

Os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em abril foram Hong Kong, China, Chile, Egito e Estados Unidos, que responderam por 65,47% das receitas. A China ampliou suas importações de carne bovina brasileira em relação a abril de 2017: aumento de 27,17% em valor e 19,64% em quantidade. Por outro lado, os embarques para Hong Kong diminuíram em 7,25% em valor e 7,21% em quantidade.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Abril/2018

País	Valor (US$)	Quantidade (t)
Hong Kong	78.413.090,00	20.905
China	66.451.587,00	14.323
Chile	43.979.736,00	10.575
Egito	21.957.713,00	7.673
Estados Unidos	17.338.079,00	1.889
Demais países	120.337.006,00	31.103
Total	**348.477.211,00**	**86.468**

Fonte: MDIC / Comex Stat.

As exportações de carne bovina para a Rússia seguem suspensas em decorrência da detecção da substância ractopamina em alguns carregamentos. Em abril de 2017 a Rússia importou 10,26 mil toneladas de carne bovina brasileira, gerando receitas de US$34,29 milhões.

De acordo com o MDIC, nas duas primeiras semanas de maio (8 dias úteis) registra-se alta na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a abril: 12,52% em valor e 9,78% em quantidade. Contudo, na comparação com as médias diárias de maio de 2017, os resultados são negativos: -13,58% em valor e -10,73% em quantidade.

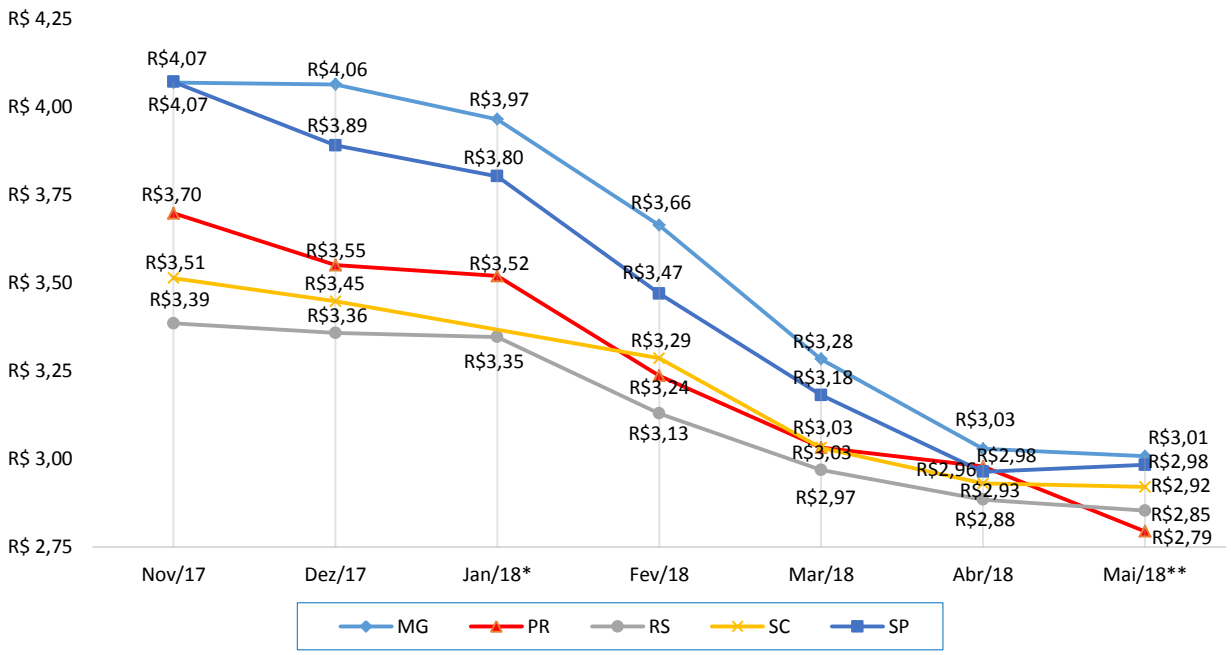
Embora as exportações catarinenses de carne bovina sejam pouco expressivas, mais uma vez chama a atenção o vigoroso crescimento dos embarques desse produto oriundo do estado. No primeiro quadrimestre foram exportadas 1,63 mil toneladas de carne bovina, um aumento de 196,86% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em abril as exportações catarinenses foram de 420,43 toneladas, com receitas de US$1,32 milhão. O principal destino da carne bovina catarinense nesse mês foi Hong Kong, que respondeu por 69,41% do valor e 65,57% da quantidade.

Por fim, destaca-se a mudança ocorrida na forma de obtenção dos dados de exportação. Em maio o MDIC lançou uma nova plataforma, denominada Comex Stat, a qual deverá substituir o AliceWeb. Conforme nota publicada pelo Ministério, por conta de “reprocessamento das séries históricas, serão notadas pequenas diferenças em relação aos valores do AliceWeb. O reprocessamento visa apresentar melhor precisão das informações”. As informações relativas às exportações disponibilizadas neste boletim foram integralmente obtidas por meio do Comex Stat, de fato sendo observadas pequenas diferenças em relação aos dados extraídos do AliceWeb, as quais não são expressivas a ponto de invalidar ou prejudicar as análises feitas até o momento.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa

Embora o embargo russo à carne brasileira ainda se mantenha e a economia não dê sinais de recuperação expressiva, em maio observa-se diminuição no ritmo de queda dos preços do suíno vivo na maioria dos estados analisados no presente boletim. Os dados preliminares apontam que os preços de maio caíram em quatro estados: -6,18% no Paraná, -1,09% no Rio Grande do Sul, -0,69% em Minas Gerais e -0,35% em Santa Catarina (média estadual, incluindo integrados e independentes). Somente São Paulo apresenta resultado positivo até o momento, com alta de 0,66% em relação à média do mês anterior. Com exceção do Paraná, os demais estados apresentaram variações pouco significativas, o que indica uma relativa estabilização do setor nas últimas semanas.

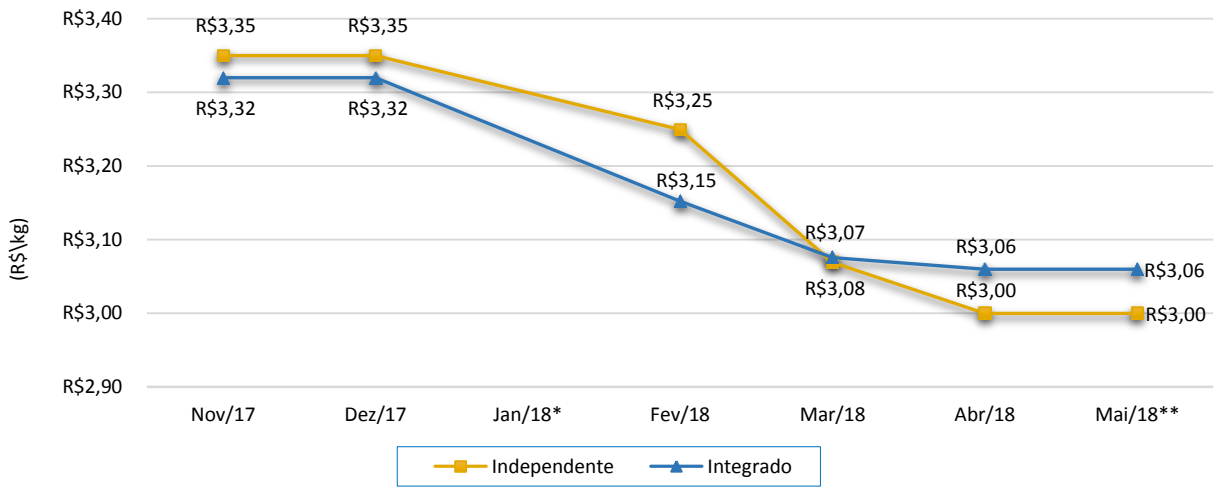


* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.
** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R$/kg de suíno vivo) – 2017/2018

Contudo, em relação aos preços de maio de 2017, todos os estados apresentam quedas bastante significativas: -25,85% em São Paulo, -24,79% em Minas Gerais, -23,73% no Paraná, -19,48% no Rio Grande do Sul e -18,41% em Santa Catarina. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,76%.

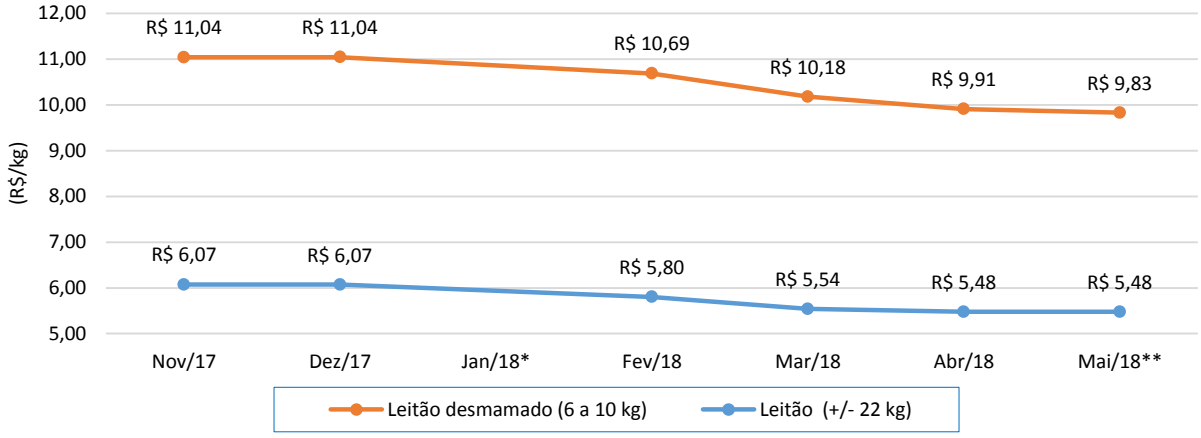
Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, os preços mantiveram-se estáveis em relação ao mês anterior, sem nenhuma alteração até a data de finalização deste boletim. Contudo, quando se compara os valores atuais com aqueles praticados em maio de 2017, registram-se quedas de 16,67% para os produtores independentes e 12,32% para os integrados.



* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2017/2018

Assim como o mercado de suínos vivos, os preços preliminares de maio dos leitões apresentam relativa estabilidade em relação ao período anterior. Os leitões de 6 a 10kg registram queda de 0,79% na comparação com abril, enquanto os leitões com +/-22kg ainda não sofreram nenhuma alteração de preço este mês. Em relação a maio de 2017, contudo, há defasagens significativas: -15,01% para leitões de 6 a 10kg e -14,20% para leitões de +/-22kg.



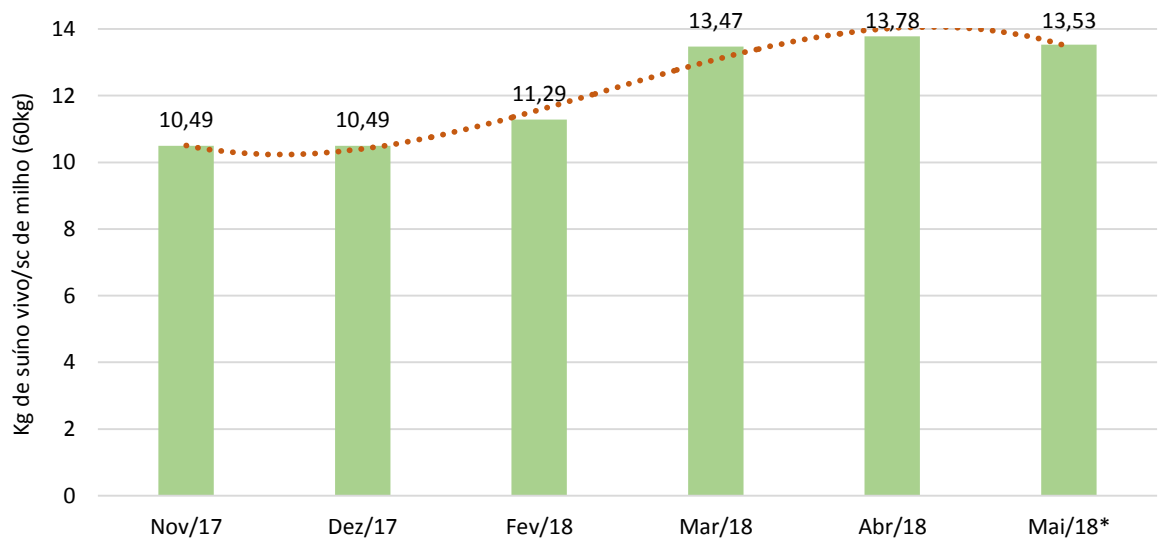
*** Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.**
**** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.**
Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2017/2018

Em abril o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou aumento de 1,76% em relação ao mês anterior. O fator que contribuiu de forma direta para esse resultado foi a elevação nos custos com alimentação (1,77%). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPSuíno é de 19,94%, enquanto a variação no ano atinge de 12,85%.

Pela primeira vez no ano, a relação de equivalência insumo/produto (índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos para a região de Chapecó) registra queda. O

valor preliminar de maio é 1,80% menor que o mês anterior. Esse resultado é decorrente exclusivamente da queda no preço do milho (-1,80%), já que os preços do suíno vivo se mantiveram inalterados. Isso significa que em maio são necessários menos quilos de suíno vivo para comprar uma saca de 60kg de milho.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.
* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2017/2018

Apesar da variação negativa, o valor da relação de equivalência em maio encontra-se 66,41% acima daquele registrado no mesmo mês de 2017.

De acordo com a Conab (8º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18), houve uma pequena ampliação na estimativa de colheita de milho em relação ao relatório anterior. A 1ª safra deve ser 13,79% menor que no ano anterior (em abril estimava-se queda de 15,96%). Para a 2ª safra, contudo, estima-se uma redução levemente maior que no relatório anterior: -6,58% (contra -6,48% na estimativa de abril). A safra total deverá ser de 89,21 milhões de toneladas, queda de 8,83% em relação ao ano anterior (em abril estimava-se uma queda de 9,43%).

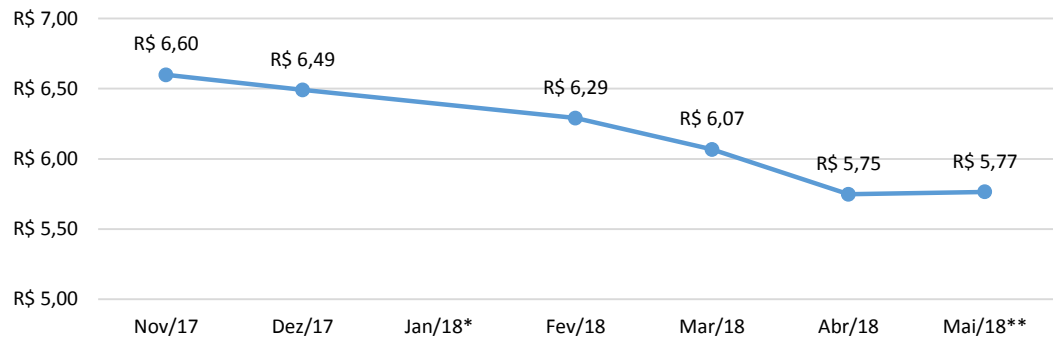
De acordo com as estimativas da Epagri/Cepa, em Santa Catarina também serão observadas reduções significativas. Somando-se a 1ª e a 2ª safra, no ano agrícola 2017/2018 devem ser colhidas no estado cerca de 2,60 milhões de toneladas, queda de 19,70% em relação ao ciclo anterior.

Apesar do embargo russo às exportações e do desaquecimento do mercado interno, houve uma desaceleração no ritmo de queda da maioria dos cortes cujo preço de atacado é levantado pela Epagri/Cepa. Em abril, a variação média dos cinco cortes acompanhados foi de -5,10%, índice que caiu para -2,39% nas duas primeiras semanas de maio. Quatro cortes registraram quedas nos preços preliminares (na comparação com o mês anterior): pernil (-9,32%), costela (-1,25%), carré (-1,20%) e lombo (-0,48%). Como é possível perceber no quadro a seguir, o único corte cuja variação foi superior aos meses anteriores é o pernil. Já a carcaça registrou um pequeno aumento de 0,29%.

Carne suína – Preço médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2018			
Produto	**Março/18**	**Abril/18**	**Maio/18[1]**
Carré (sem couro)	7,88	7,57	7,48
Costela (sem couro)	12,03	11,44	11,30
Lombo	11,16	10,50	10,45
Carcaça	6,07	5,75	5,77
Pernil (com osso e couro)	7,35	6,95	6,31

[1] Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

A figura abaixo apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína a partir de novembro de 2017.

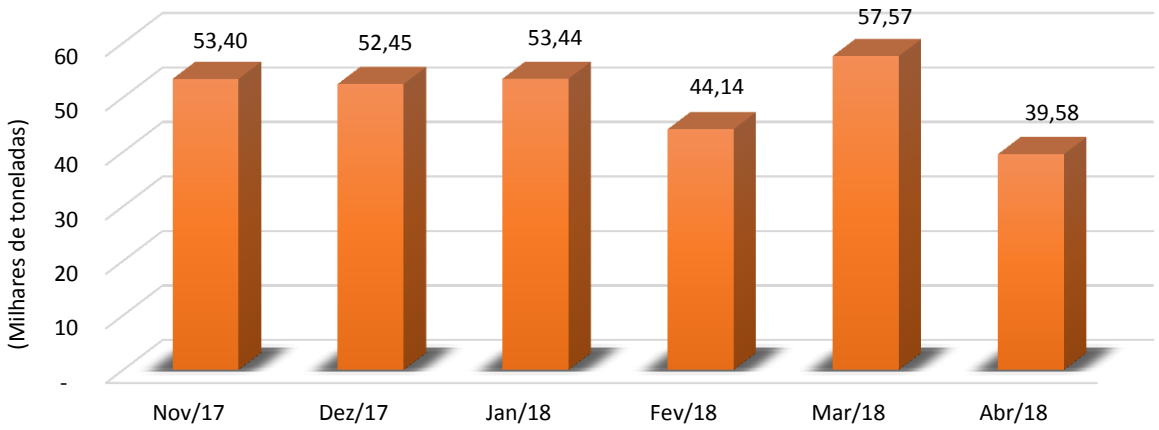


* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.
** O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 2 a 15/mai./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017/2018

De acordo com relatório divulgado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), em abril o valor médio da carcaça especial suína negociada no atacado da Grande São Paulo caiu 5% em relação a março, índice muito semelhante ao que foi registrado em Santa Catarina naquele mês (-5,25%).

Após o bom resultado de março, as exportações brasileiras de carne suína voltaram a cair significativamente no mês passado. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em abril foram embarcadas 39,58 mil toneladas de carne (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de 31,26% em relação ao mês anterior. Na comparação com abril de 2017 registra-se queda de 21,18%. Essa é a menor quantidade exportada num único mês desde março de 2015.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Exportações de carne suína – Brasil – 2017/2018

As receitas também sofreram queda significativa em abril: US$93,04 milhões, -19,81% que no mês anterior e -28,56% quando comparado com abril de 2017.

No acumulado do primeiro quadrimestre as receitas atingiram US$411,77 milhões, queda de 22,32% em relação ao mesmo período de 2017. A quantidade exportada de janeiro a abril foi de 194,73 mil toneladas, queda de 13,87% em relação ao primeiro quadrimestre do ano anterior.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira em março foram China, Hong Kong, Argentina, Uruguai e Chile, que juntos responderam por 79,89% das receitas com esse produto. Mais uma vez a China se destaca pelo expressivo aumento na importação de carne suína brasileira, a ponto de ocupar a primeira colocação no ranking mensal desse produto. Em abril observou-se aumento de embarque para aquele país de 171,63% em termos de quantidade e de 219,10% em valor, na comparação com o mesmo mês de 2017.

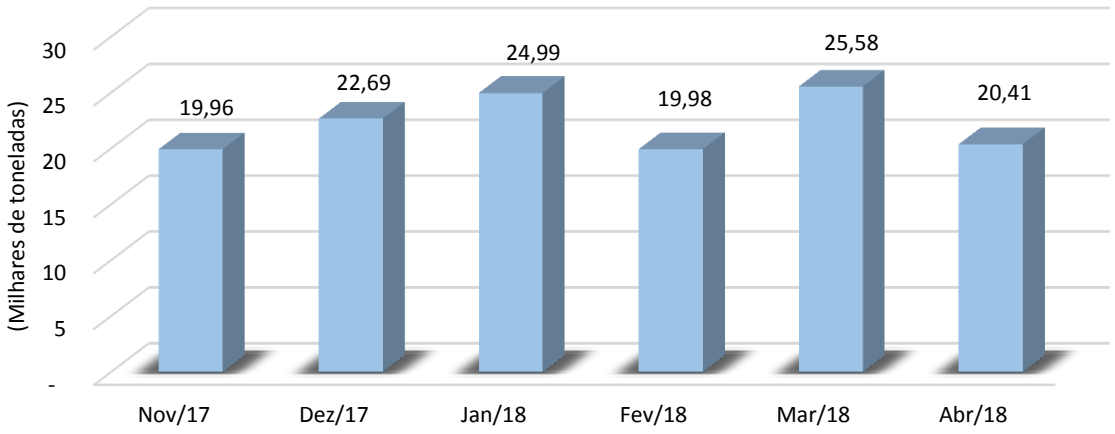
Esse vigoroso crescimento chinês ainda não foi suficiente para mitigar completamente os efeitos do embargo russo. Para que se tenha uma ideia, em abril deste ano foram embarcados para a China 9,88 mil toneladas de carne suína. No mesmo período do ano passado a Rússia adquiriu 19,51 mil toneladas.

Os dados referentes às duas primeiras semanas de maio (8 dias úteis) demonstram elevação na média diária de embarques de carne suína *in natura* em relação a abril: 38,14% em valor e 14,90% em quantidade. Já na comparação com as médias diárias de maio de 2017, registra-se aumento no valor exportado (8,25%) e pequena queda na quantidade embarcada (-0,04%).

As exportações catarinenses também registraram queda em abril, embora em percentuais menos expressivos que o total do país. De acordo com o MDIC, no mês passado foram embarcadas 20,41 mil toneladas, redução de 20,19% na comparação com o mês anterior e de 4,19% em relação a abril de 2017.

Em abril Santa Catarina respondeu por 51,58% do total de carne suína exportada pelo Brasil e por 52,82% das receitas do país com esse produto.

As receitas obtidas pelo estado em abril foram de US$49,14 milhões, queda de 3,71% em relação ao mês anterior e de 8,83% na comparação com abril de 2017.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017/2018

No primeiro quadrimestre foram exportadas 90,96 mil toneladas de carne suína oriunda de Santa Catarina (-2,11% em relação ao mesmo período do ano passado). As receitas acumuladas de janeiro a abril atingiram US$193,20 milhões, queda de 10,06% na comparação com o ano anterior.

Os principais destinos das exportações catarinenses em março foram China, Chile, Argentina, Hong Kong e Cingapura, que responderam por 82,34% das receitas e 76,39% da quantidade.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Abril de 2018

País	Valor (US$)	Quantidade (t)
China	22.393.847,00	8.526
Chile	6.536.373,00	3.031
Argentina	5.601.253,00	1.570
Hong Kong	4.370.356,00	1.911
Cingapura	1.562.222,00	555
Demais países	8.678.317,00	4.820
Total	**49.142.368,00**	**20.413**

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Dos cinco principais destinos da carne suína catarinense em abril, três registraram aumentos na comparação com o mesmo mês de 2017: China (232,55% em valor e 166,09% em quantidade), Chile (81,52% em valor e 93,32% em quantidade) e Argentina (153,06% em valor e 116,34% em quantidade).

Por fim, destaca-se a mudança ocorrida na forma de obtenção dos dados de exportação. Em maio o MDIC lançou uma nova plataforma, denominada Comex Stat, a qual deverá substituir o AliceWeb. Conforme nota publicada pelo Ministério, por conta de "reprocessamento das séries históricas, serão notadas pequenas diferenças em relação aos valores do AliceWeb. O reprocessamento visa apresentar melhor precisão das informações". As informações relativas às exportações disponibilizadas neste boletim foram integralmente obtidas por meio do Comex Stat, de fato sendo observadas pequenas diferenças em relação aos dados extraídos do AliceWeb, as quais não são expressivas a ponto de invalidar ou prejudicar as análises feitas até o momento.

Pecuária

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

No mês passado, o IBGE informou que, a partir desse ano, antecipará a divulgação de alguns resultados das suas Pesquisas Trimestrais da Pecuária, as quais incluem a Pesquisa Trimestral do Leite, que, entre outros dados, informa a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas.

Ainda que essa antecipação vá contemplar apenas o nível Brasil e seja um dado acumulado do trimestre (sem a quantidade mensal), que poderá sofrer alguma alteração quando da divulgação dos dados por unidade da federação, é um avanço importante que permitirá antecipar considerações mais qualificadas sobre os aspectos relacionados à cadeia produtiva, especialmente sobre o comportamento do mercado do leite e dos lácteos.

Nos primeiros dias desse mês de maio, foi divulgado o dado relativo à quantidade de leite adquirido pelas indústrias inspecionadas no primeiro trimestre de 2018 (a divulgação dos dados mais detalhados ocorrerá no dia 14 de junho). Foram adquiridos 6,094 bilhões de litros, significando crescimento de 4,1% em relação à quantidade do mesmo trimestre de 2017, porém decréscimo de 5,3% em relação à quantidade do último trimestre de 2017.

Esse crescimento de 4,1% em relação ao mesmo trimestre de 2017 é muito inferior ao mostrado pelo Índice de Captação de Leite Cepea Brasil[6], segundo o qual o volume de leite captado no primeiro trimestre de 2018 aumentou 11,2% em relação ao volume do mesmo trimestre de 2017.

Leite - Comparativo entre os dados do IBGE e do Cepea - Brasil - 2016 a 2018

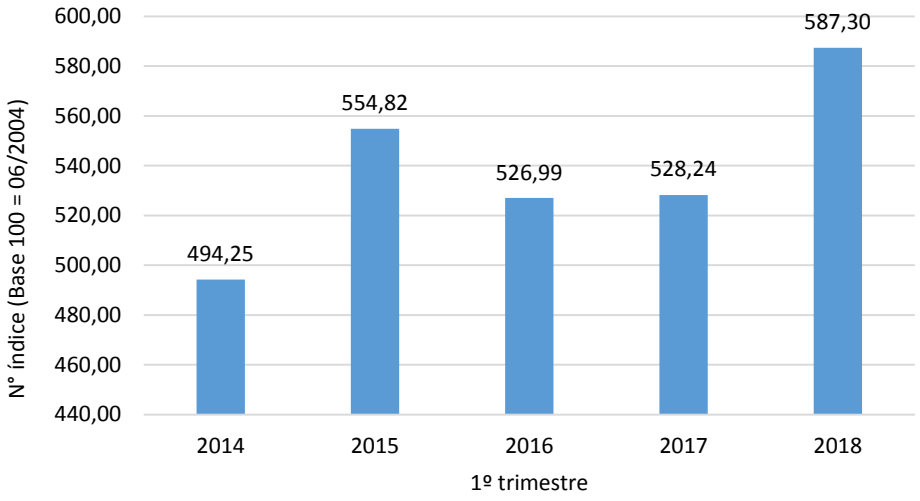
Trim.	IBGE (bilhão de litros)			Var. %		Cepea (Nº índice)			Var. %	
	2016	2017	2018	2016-17	2017-18	2016	2017	2018	2016-17	2017-18
Jan./mar.	5,861	5,855	6,094	-0,1	4,1	526,99	528,24	587,30	0,2	11,2
Abr./jun.	5,220	5,647		8,2		472,83	520,51		10,1	
Jul./set.	5,849	6,177		5,6		530,18	595,86		12,4	
Out./dez.	6,240	6,438		3,2		564,92	616,47		9,1	
Total	**23,170**	**24,117**		**4,1**		**2.094,92**	**2.261,08**		**7,9**	

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite e CEPEA (Base 100 = junho/2004).

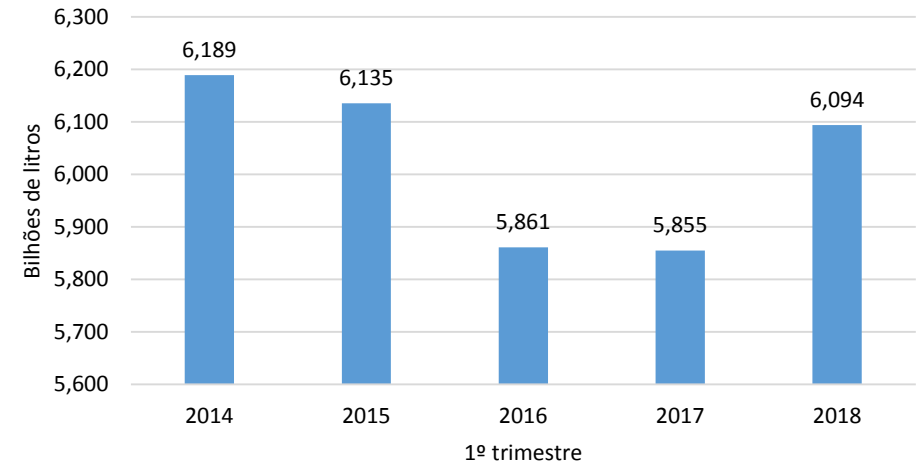
Outra diferença importante entre essas duas fontes de informação diz respeito a quantidade de leite recebida pelas indústrias. Embora o Cepea trabalhe com "números índices", é possível concluir por esses números que jamais houve um primeiro trimestre com captação de leite parecida com a do primeiro trimestre de 2018. E, mais do que isso, considerando toda a série histórica, a produção do primeiro trimestre de 2018 só foi menor que a do terceiro e do quarto trimestre de 2017. No caso dos dados do

[6] O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados da amostra. A pesquisa abrange os estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. Esse índice é elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação. Esses estados representam cerca de 85% da produção leiteria nacional.

IBGE, a quantidade de leite adquirido pelas indústrias inspecionadas no primeiro trimestre de 2018 não só é inferior às dos primeiros trimestres de 2015 e 2014, como também a de vários outros trimestres, a partir do quarto trimestre de 2013, esta um recorde histórico da pesquisa do IBGE, com 6,543 bilhões de litros.



Índice de Captação de Leite Cepea Brasil



Brasil - Leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas

Ou seja, os dados do IBGE, relativos ao primeiro trimestre de 2018, reforçam a ideia de que estamos vivendo muito mais um período de demanda enfraquecida do que de oferta elevada. Sobretudo, ao se considerar que a população brasileira segue em sensível crescimento ano a ano, o que deveria significar, também, ampliação da demanda de lácteos.

Essa demanda enfraquecida tem se refletido na situação do mercado, que não dá sinais de recuperação consistente. Mesmo com algumas elevações recentes, os preços de alguns lácteos seguem em patamares relativamente baixos e, aparentemente, sem perspectivas de aumentos mais expressivos para os próximos meses.

Um quadro mais claro da atual situação do mercado para as indústrias e produtores de Santa Catarina deve mostrar-se na próxima reunião do Conseleite/SC, que acontecerá na próxima quinta-feira, dia 17/05 (esta análise foi escrita no dia 14/05). Nas reuniões dos meses recentes, se constatou que a queda no recebimento de leite pelas indústrias ajudou na capacidade de negociação com o varejo e na recuperação dos preços no mercado atacadista e aos produtores. Com isso, o preço de referência projetado para abril[7] passado, embora inferior ao do mesmo mês de 2017, foi 15,7% superior ao preço de janeiro de 2018. Na reunião de maio será fixado o preço final de abril e projetado o preço de maio. Não é improvável que o fato de varejo estar resistindo a novos aumentos de preços no atacado, alegando estabilidade ou até decréscimo das vendas aos consumidores, possa interromper essa recuperação de preços dos meses recentes.

Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-18

Mês	R$/litro na propriedade com Funrural incluso				Var. %	
	2015	2016	2017	2018	2017/16	2018/17
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9695	13,0	-10,1
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	1,0128	9,3	-8,7
Março	0,8614	1,0652	1,1412	1,0857	7,1	-4,9
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	1,1215	4,7	-4,1
Maio	0,8875	1,1430	1,1733		2,7	
Junho	0,9347	1,3363	1,1394		-14,7	
Julho	0,9278	1,5500	1,0617		-31,5	
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189		-23,1	
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374		-15,2	
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550		-8,7	
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977		-0,2	
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788		-5,3	
Média	**0,8866**	**1,1408**	**1,0634**		**-6,8**	

Abril/2018: Valor projetado.
Fonte: Conseleite/SC

[7] O preço de referência de um mês serve de base para o pagamento do mês seguinte. Assim, o preço de referência de março serviu de base para o valor que as indústrias pagaram aos produtores em abril; o de abril para o preço deste mês de maio e o projetado nessa reunião de maio dará uma ideia do preço a ser recebido em junho pelos produtores.